



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Representação da Família em Rapazes
Pré-adolescentes
Provenientes de Famílias de pais divorciados**

Francisca Gomes de Castro

**Orientador de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL**

**Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL**

**Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica**

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no
ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de
Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

AGRADECIMENTOS

São diversas as pessoas a quem gostaria de agradecer, pelo seu envolvimento e disponibilidade ao longo destes meses. Em primeiro lugar à Professora Doutora Ângela Vila-Real, por me ter orientado pois sem a sua orientação, disponibilidade e paciência este trabalho não seria possível.

À directora do ATL da Galiza e aos treinadores de Rugby do Dramático de Cascais, por permitirem a colheita dos dados e por demonstrarem interesse pelo meu trabalho.

Aos pais que autorizaram a colaboração dos filhos e aos jovens pela sua participação e disponibilidade desde logo, pois sem eles nada disto seria possível.

À minha família e amigos por estarem sempre ao meu lado, apoiarem-me neste momento tão importante, motivarem-me e acreditarem sempre em mim.

Ao Zé Diogo pelo seu apoio incondicional, por tudo.

RESUMO

O divórcio é cada vez mais frequente, podendo ter um papel desorganizador na pré-adolescência, fase por si só disruptiva, desorganizadora e de difícil adaptação, na qual a família desempenha um papel organizador, apesar da necessidade de autonomia do pré-adolescente. Existem poucas investigações ao nível qualitativo, sendo a maioria, quantitativas de enfoque sistémico.

Este trabalho visa o estudo da representação da família em pré-adolescentes provenientes de famílias de pais divorciados.

A amostra foi constituída por 14 pré-adolescentes do sexo masculino com 13 e 14 anos, 7 pertencentes a famílias que experienciaram o divórcio e 7 pertencentes a “famílias tradicionais”. Para a aceder à representação da família recorreu-se ao Teste do Desenho da Família de Corman.

Foi estudada a representação da família em ambos os grupos, constatando-se que existem diferenças, a este nível. Nomeadamente, na idealização da família, os pré-adolescentes pertencentes a famílias de pais divorciados demonstram o desejo de juntarem os pais.

Palavras-chave: Representação, Pré-adolescência, Divórcio

ABSTRACT

The divorce has become more frequent, having a bad role in pre-adolescence, a period which is already disruptive, disorganized with difficult adaptation in which the family has the organized role, even though the need for independence by the pre-adolescent. There are few investigations on the qualitative level, the majority being quantitative on systemic approach.

This dissertation aims the study of the family representation in pre-adolescents from families with divorced parents. The sample consisted in 14 pre-adolescent males with 13 and 14 years old, which 7 of them have divorced parents and the other 7 belong to “traditional families”. To submit to the family representation we appealed to the Family Drawing Test of Corman.

It has been studied the family representation in both groups, noting that there are differences at this level. In particular, the idealization of the family. Those who are pre-adolescents with divorced parents show a desire to reunite the parents.

Key-words: Representation, Pre-adolescence, Divorce

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	
2.1 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO	5
2.2 A IMPORTÂNCIA DOS PROGENITORES NO DESENVOLVIMENTO....	6
2.2.1 Importância da Mãe para o Desenvolvimento.....	7
2.2.2 Importância do Pai para o Desenvolvimento.....	8
2.3 A PRÉ-ADOLESCÊNCIA.....	11
2.3.1 A Pré-Adolescência como Segundo Processo de Individuação.....	12
2.3.2 A Pré-Adolescência no Rapaz.....	15
2.3.3 Desenvolvimento Cognitivo e Egocentrismo.....	16
2.4 O DIVÓRCIO.....	17
3. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	24
4. MÉTODO	
4.1 Hipótese.....	25
4.2 Delineamento.....	25
4.3 Participantes.....	26
4.4 Instrumento.....	26
4.5 Procedimento.....	33
5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	
5.1 Análise do Grupo de Experimental.....	34
5.2 Análise do Grupo de Controlo.....	40
5.3 Comparação entre Grupos.....	44
6. CONCLUSÃO.....	47
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
8. ANEXOS.....	53

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa estudar o impacto do divórcio na representação da família em pré-adolescentes do sexo masculino. O divórcio suscita alterações na dinâmica familiar e implica uma readaptação de todos os sujeitos envolvidos.

A família tem um papel basilar no desenvolvimento, é o primeiro contexto social e afectivo, sendo muito importante para o estabelecimento das relações afectivas (Matos & Sampaio, 2009). Para o pré-adolescente é um organizador fundamental, pois este período caracteriza-se por uma oscilação entre a autonomia e a dependência, com o objectivo de progressivamente se tornar independente face a esta, sendo importante ter o seu apoio. Segundo Winnicott (1957) para o jovem atingir uma independência emocional relativamente aos pais, terá de passar por um processo marcado por momentos “de independência rebelde e de dependência regressiva”. Esta busca de autonomia desperta muitas vezes a ideia de que vivem de forma mais independente, mas continuam a necessitar de apoio e de cuidados por parte dos progenitores (Hack & Ramires, 2010).

A representação é um organizador interno bastante importante para desenvolvimento do jovem. “O mundo interno é um espaço de representações que a partir das imagos, confere ao psiquismo a capacidade para pensar, sendo a sua integração mediada por relações significativas” (Sá, 2003). Segundo Imbasciati (2003), os objectos internos são elementos que fazem parte do pensamento, são o modo através do qual se conhece o mundo externo, através do mundo interno e através das relações. A capacidade de conhecer o mundo depende da possibilidade de o representar de um modo mais ou menos adequado. Vai ocorrendo uma progressão, em que se passa gradualmente de proto-representações, que não possuem qualquer relação com os objectos reais, para representações onde essa relação está estabelecida.

Inicialmente ocorre a introjecção do objecto bom parcial primitivo, este processo designa-se por introjecção positiva, devido a sucessivas introjecções o sujeito vai construindo a imagem de si próprio, o próprio EU e a identidade, que equivalem a identificações primitivas necessárias à construção da personalidade (Coimbra de Matos, 2002). A identificação é a construção da identidade, é um processo introjectivo de assimilação de características do modelo. O objecto parcial irá tornar-se um bom objecto interno total, predominantemente bom, mas também com algumas características más. A representação é um processo interno complexo, que permite ao sujeito o conhecimento do mundo externo.

Por o meio familiar ter um papel fulcral, torna-se pertinente analisar a representação dos pré-adolescentes provenientes de famílias divorciadas, se idealizam como forma de manterem uma representação estável.

Dado existirem um número reduzido de pesquisas qualitativas relativamente a este tema (Brito, 2007, cit. Hack & Ramires, 2010), sendo a maioria das investigações quantitativas e de enfoque sistémico (Freeman & Newland, 2002; Harland, Reijneveld, Brugman, Verloove-Vanhorick & Verhulst, 2002, Mahon, Yarcheski & Yarcheski, 2003; Sourander & Helstelä, 2005; Storken et al., 2005 cit. Hack & Ramires, 2010), parece-nos importante e uma mais-valia a realização de um estudo sobre o divórcio, utilizando a metodologia qualitativa.

A parte teórica desta investigação compreendeu 4 sub-capítulos, nos quais aprofundamos as temáticas que considerámos mais relevantes e fundamentais para este tema. Assim no primeiro subcapítulo centramo-nos na importância da família para o desenvolvimento.

No segundo focamo-nos no papel fundamental que os progenitores desempenham no desenvolvimento dos filhos, no qual também abordamos individualmente a função da figura materna e da figura paterna.

No terceiro debruçamo-nos sobre a pré-adolescência, com a tentativa de explicitar as alterações características desta fase.

No quarto abordámos o divórcio, as investigações realizadas nesta área e qual o seu impacto na pré-adolescência.

Quanto à parte empírica, esta contém um subcapítulo referente à formulação do problema, onde explicitamos a pertinência deste estudo, em seguida um subcapítulo respeitante ao método, no qual estabelecemos os objectivos do estudo, as hipóteses, o método de estudo, os procedimentos de recolha de dados, a caracterização da amostra e a descrição do instrumento utilizado.

Em seguida a apresentação e análise dos resultados, na qual realizamos a análise dos resultados de cada grupo individualmente, em seguida fazemos uma análise comparativa entre os dois grupos.

Por fim a discussão dos resultados reflecte a influência que o divórcio tem na representação da família.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A Importância da Família para o desenvolvimento do Pré-adolescente

A família é um sistema social complexo e dinâmico, isto é, uma rede de relações recíprocas que estão constantemente a evoluir (Shaffer, 2005). De acordo com Winnicott (1965), constitui o centro de desenvolvimento individual e da maturidade emocional. Tem um papel crucial no desenvolvimento, em particular nos primeiros anos de vida. Já Freud (1912, 1930, cit. Friend, 1976) enfatizava a importância da vida familiar e a sua relação com a sociedade. Segundo Friend (1976) a família influencia o desenvolvimento da criança através de processos de internalização. Deve ser vista como um meio capaz de garantir segurança (Reis, 2009).

Espera-se que a família proporcione à criança não apenas a satisfação das necessidades básicas, mas também um ambiente seguro e adequado para o desenvolvimento das suas capacidades físicas, psicológicas e sociais, para poder lidar mais eficazmente com o meio que a rodeia (Bowlby, 1989).

Matos & Sampaio (2009), também afirmam que a família é o primeiro contexto social e afectivo, sendo muito importante para o estabelecimento de relações afectivas, pois as relações iniciais vão modelar toda a vida do sujeito. O bebé cria dentro de si um modelo de interrelação aprendido no meio familiar que futuramente é reproduzido noutras relações (Luzes, 1981).

A ausência da família ou uma família disfuncional poderão colocar o desenvolvimento da criança em risco, potencializar o aparecimento de condutas desviantes e ainda afectar a relação com os outros, devido às dificuldades relacionais que marcaram o seu percurso (Reis, 2009). Segundo Fonseca (2002, cit. Reis, 2009), o funcionamento desadequado da família é uma das principais causas dos distúrbios comportamentais.

Ao longo dos tempos, o conceito de família foi se alterando, começaram a surgir novos tipos de famílias. Apesar disso, continuam a existir famílias tradicionais, isto é, constituídas por duas pessoas unidas pelo matrimónio, que se comprometem numa relação que se prolongue no tempo, com ou sem descendência (Relvas, 2000, cit. Fonte, 2004; Sumaza & Rodrigues, 2003). Com o aumento do divórcio, surgiram cada vez mais famílias

constituídas por apenas um dos progenitores, que se designam por famílias monoparentais. Existem diversos tipos de famílias monoparentais, dependem da forma como se acedeu à monoparentalidade (Sumaza & Rodríguez, 2003). Os processos que derivam desta são, por um lado, a desorganização familiar, onde se insere a ruptura do casal; o falecimento de um dos cônjuges e a ausência involuntária devido a compromissos laborais ou motivos de saúde, por outro, a monoparentalidade directa, ou seja as mães solteiras e os processos de adopção (Sumaza & Rodríguez, 2003).

Ainda existem inconsistências relativamente às implicações deste tipo de família para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Muitos estudos apontam para algumas implicações negativas (Jauch, 1977; Lansford et al., 2001; Goodrich, Rampage, Ellman & Halstead, 1990; Larson, Dworkin & Gillman, 2001, cit. Marin & Piccinini, 2009), contudo alguns referem que não existem diferenças no desenvolvimento infantil (Cigno e Burke, 1997; McLanahan e Booth, 1989; Simons et al., 1993; Goldberg et al., 1992; Jackson et al., 2000; Larson et al., 1999;; Heck e Parker, 2002; Jackson et al., 2000; Simons, Beaman, Conger e Chao, 1993; Clarke-Stewart, Vandell, McCartney, Owen e Booth, 2000; Goldberg, Greenberger, Hamill e O'Neil, 1992; Hope, Power e Rodgers, 1999; Jackson, Brooks-Gunn, Huang e Glassman, 2000; Lipman et al., 2002, cit. Marin & Piccinini, 2009).

Importância dos progenitores no desenvolvimento dos filhos

É indiscutível a importância que os progenitores têm no desenvolvimento da criança. Diversos autores, entre eles, Freud, Winnicott, Klein, Bion afirmam que, a função materna e paterna têm um papel central no desenvolvimento e estruturação do psiquismo da criança. São estes que fornecem os modelos para o desenvolvimento de capacidades de relacionamento, pontos de ancoragem para a identificação, assistência no desenvolvimento do ego e proporcionam ainda bases para a formação do superego.

Segundo Malpique (1990), a organização psicológica das crianças ocorre através da introjecção das figuras parentais, designadas por imagos, estas correspondem à representação que a criança tem acerca dos pais.

Apesar de ambas as funções parentais serem fundamentais, desempenham diferentes papéis no desenvolvimento da criança. A mãe teria uma função mais expressiva e protectora, enquanto que o pai teria uma função instrumental, isto é, mais direccionada para o estímulo da

iniciativa e destreza na adaptação ao meio (Parsons, cit. Malpique, 1990). Este último contribui ainda para dar segurança no domínio e exploração do meio ambiente.

Importância da mãe para o desenvolvimento

São diversas as teorias que salientam a importância do papel da mãe no desenvolvimento da criança. A relação entre a mãe e o bebé começa logo durante a gravidez, esta transforma o estado de espírito da futura mãe e favorece uma vida fantasmática mais rica (Poussin,G & Martin-lebrun, E, 1999).

Durante a gestação, segundo Winnicott (1957), a futura mãe vai-se identificando cada vez mais com o bebé, surge o estado de *preocupação materna primária* (capacidade de desviar o interesse do seu próprio self para o bebé), isto é, a futura mãe vai adquirindo progressivamente a capacidade de reconhecer os diferentes estados do bebé, do que lhe é agradável e incómodo. Por sua vez, o bebé irá procurar o contacto físico com a mãe. Esta interacção permite que se estabeleçam vínculos, que serão os alicerces do afecto entre os dois. A qualidade dos vínculos irá influenciar a maneira como o bebé constituirá no futuro, as suas relações com o meio (Poussin,G & Martin-lebrun, E, 1999). Quando a mãe reage pouco ou de forma desajustada aos apelos do bebé, este responde com manifestações de rejeição, indiferença ou choro que não favorecem em nada o afeiçoamento. Terá por isso mais dificuldade em adaptar-se a situações novas ou angustiantes que ocorrem no futuro. Winnicott (1989) ressalta a importância da função de “holding”, de a mãe dar amparo ao bebé, para este adquirir a noção de existência e integração. Neste período inicial é necessária uma relação de grande proximidade, através da qual a mãe possa prever as necessidades do bebé.

Klein (1986) também realçou a importância desta relação entre mãe-bebé. A mãe deve ser receptora das angústias e desamparo inicial da criança, portanto para a autora a função materna está relacionada com a atenuação das ansiedades do bebé, através da sua discriminação e ajudando o bebé no contacto com o seu mundo interno e externo.

Para Bion (1966), a mãe tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da capacidade de pensar da criança. A mãe funciona como um continente sobre o qual o bebé projecta os seus estados afectivos, num estado bruto, isto é, o conteúdo. Estes estados irão ser interpretados, transformados pela mãe, que irá reenviar para o bebé com um sentido, um significado. Este processo de transformação depende da capacidade de rêverie da mãe, isto é, da sua capacidade de estar receptiva às projecções do bebé.

Durante o primeiro ano de vida, a criança apercebe-se progressivamente de que é diferente da mãe. Embora reaja muito cedo e de forma diferente com cada um dos pais, só a partir dos 12 meses será capaz de lhes dar um nome distinto e diferenciá-los um do outro. Depois a criança oscilará entre o desejo de crescer e tornar-se autónoma e o de ficar perto da mãe, esta ambivalência está presente em todas as suas aquisições. A autonomia significa renunciar ao prazer de contacto íntimo com a mãe e investir noutra modo de relacionamento com ela.

A criança compreenderá mais facilmente a necessidade de se separar da mãe para estar com o pai se a sua relação com ele for boa e se tiver instaurado cedo. O esquema de contactos regulares num contexto sereno facilita a adaptação da criança à alternância, fundamental para o seu equilíbrio psíquico. É inevitável a separação entre mãe e filho, mal ele nasça. É mesmo indispensável para que a criança adquira autonomia como ser humano, mas tem de ser preparada e apoiada para não ser vivida como um vazio desprovido de sentido.

A mãe com quem normalmente a criança começa por estabelecer uma relação simbiótica, propicia ao bebé a mediação de brinquedos que são utilizados como objectos transitivos, para ajudar progressivamente a separação (Malpique, 1990). A mãe exerce na sua relação dialogante com o bebé um estímulo primordial no desenvolvimento da linguagem.

Importância do pai para o desenvolvimento

Antigamente o pai era visto como patriarca, que exercia um enorme poder sobre a família. Era valorizado pelo seu suporte financeiro e instrumental, sendo remetido para o papel de “segundo objecto” (Liebman & col., 2000, cit. Gomez, 2005). No final da década de 70, surgiu uma nova visão da sua função, passando a exercer um papel activo na vida das crianças (Lamb, 2010). Rohde et al. (cit. Eizirik & Bergmann, 2004) concluíram que a função paterna é fundamental para o desenvolvimento do bebé. Anderson defende que um pai suficientemente bom é tão importante como uma mãe suficientemente boa, conceito desenvolvido por Winnicott (Amaral dias, cit. Malpique, 1990).

Quando os pais passaram a ser parte integrante deste processo, constatou-se uma vinculação entre pai-bebé, muito mais precoce do que se pensava, ainda durante a gravidez (Cox, 1992; Lamb, 1992; Phares, 1992; Klaus & Kennel, 1995, Cit Gomez, 2005). A ligação dos pais às crianças estabelece-se desde os primeiros momentos de vida (Klaus, Kennel, 1976; Park & O’ leary, 1974; Shafer & Emerson, 1964, cit. Malpique, 1990), estes autores

verificaram que os bebés reagem mais à separação da mãe até aos 9 meses. A partir desse período não existem diferenças, ambos os pais são figuras de vinculação.

Cada vez mais se realça a importância da presença do pai desde as idades mais precoces. O pai desempenha um papel essencial de protecção da díade mãe/filho (Poussin, G & Martin-lebrun, E, 1999) e também na construção da estrutura psíquica interna da criança (Ferrari et al. cit. Poussin, G & Martin-lebrun, E, 1999) e no seu futuro. A função do pai como fonte de apoio emocional tende a melhorar a qualidade da relação mãe-filho, facilitando a adaptação positiva das crianças (Lamb, 2010).

A criança reconhece primeiro o pai de uma forma confusa como “não mãe”, só quando é percebido como obstáculo à realização do desejo de posse exclusiva da mãe é que ele surge como “o outro” (Malpique, 1990). Portanto, o reconhecimento do pai exigiria um desenvolvimento psicológico mais elaborado do Eu, para além da presença real e interacção com a figura paterna (Malpique, 1990).

É através da presença do pai que se dará a transformação da relação dual existente entre a criança e a mãe, numa relação triangular entre a criança, a mãe, e o pai. Este é o verdadeiro agente de mudança, é a partir dele que a criança se depara com a mudança de objecto ou com a diferença de modelos (Malpique, 1990).

Esta abertura da relação mãe/filho é indispensável para que a criança possa adquirir o seu estatuto de indivíduo autónomo (Poussin, G & Martin-lebrun, E, 1999).

Segundo Lacan, é o pai que faz reconhecer à criança a falta, a impossibilidade da relação fusional com a mãe. É indispensável a presença de um pai real (ou seu substituto) que dispute a mãe à criança (Malpique, 1990).

Apesar do papel do pai durante os primeiros meses de vida da criança, não ser tão mencionado na literatura, como o papel da figura materna, este não deixa de ter a sua importância. O contacto corporal pai-bebé é uma referência na organização psíquica da criança, devido à sua função estruturante no desenvolvimento do ego.

Durante o segundo ano de vida do bebé, quando a imagem da mãe e do pai já estão formadas, a figura paterna ganha uma maior importância, tanto ao nível do desenvolvimento da socialização, como de suporte às dificuldades relacionadas com este período de desenvolvimento. Este apoio permite que a criança se torne mais autónoma. É de salientar que o movimento para alcançar a autonomia, torna-se mais acentuado durante a adolescência (Aberastuty, 1991, cit. Gomes & Resende, 2004).

Segundo a teoria psicanalítica, com a instauração do complexo de Édipo, o pai tem um papel estruturante e fundamental (Gomes & Resende, 2004). Este mecanismo é o organizador central que estrutura a personalidade de todo o indivíduo (Poussin, G & Martin-lebrun, E, 1999). Inscreve a criança na diferença dos sexos e das gerações, devido ao lugar que ocupa junto da mãe.

A função simbólica é representada sobretudo pelo pai, através do seu papel de intermediário inibidor, que introduz a criança num mundo relacional onde a lei permite que cada um evolua na diferença. O pai assumirá mais eficazmente essa função quanto mais cedo se tiverem estabelecido os laços entre pai e filho, quer directamente, quer por intermédio da mãe.

O reconhecimento afectivo da criança pelo pai cria entre eles uma relação de cumplicidade, fundamental para prover a sua idade adulta e assumir uma função satisfatória do pai. A figura paterna é aquela que faz o rapaz desejar ser um homem e a rapariga desejar ser mulher (Corneau, G. 1989; Leonard, I. S. 1982, cit. Poussin, G & Martin-Lebrun, E, 1999).

Alguns estudos têm indicado que o pai tem influência no desenvolvimento da criança, tanto ao nível directo como ao nível indirecto. Sendo que o primeiro está relacionado com o fornecimento de bases para as relações sociais, enquanto que o segundo diz respeito ao apoio dado à mãe (Winnicott, 1965; 1971). Segundo Brazelton (1989), a presença do pai tende a potencializar uma vivência mais afectiva da interacção da mãe com a criança.

As crianças que têm relações próximas com ambos os progenitores demonstram maiores benefícios, ao nível do desenvolvimento. Um maior envolvimento paterno tem como consequência uma maior satisfação por parte de ambos os progenitores (Lamb, 1992, cit. Gomez, 2005).

Existe sempre um pai real e um pai imaginário, isto é, um pai que por um lado será um objecto interno (imago), e por outro, um homem com a qualidade da presença ou ausência real.

A Pré-Adolescência

A pré-adolescência é um período do desenvolvimento que se caracteriza por alterações rápidas ao nível somático, psíquico (cognitivas, afectivas) e relacional. Dias Cordeiro (1987) designou-a por “adolescência precoce”.

Esta fase do desenvolvimento ocorre no fim do período de latência, período que fornece à criança o equipamento ao nível do desenvolvimento do ego e a prepara para enfrentar o aumento pulsional da puberdade (Blos, 1962). Para Blos (1958/1962), a pré-adolescência corresponde a um processo de desenvolvimento psicológico de adaptação à condição pubertária. Esta corresponde ao desenvolvimento biológico, ou seja, às manifestações físicas da maturação sexual (Blos, 1962). A puberdade dá origem a uma nova unidade e organização do ego. Para Dias Cordeiro (1998), é um fenómeno biopsicológico com uma carga sexual. Surge nas raparigas entre os 10 e os 12 anos, já nos rapazes um pouco mais tarde, entre os 12 e os 14 anos.

Ambas coexistem mas o seu desenvolvimento não é linear, isto é, as mudanças ocorrem a ritmos diferentes, consoante cada pré-adolescente (Dias Cordeiro, 1979).

Este período caracteriza-se pela plasticidade e capacidade de adaptação, que permitem ao jovem lidar de forma diferente com dificuldades anteriores, que foram reactivadas pela puberdade. As dificuldades ao serem revividas vão normalizar-se, isto verifica-se quando o adolescente possui referências estáveis e estruturantes ao nível familiar, escolar e social (Dias Cordeiro, 1998).

A maturação dos órgãos sexuais conduzirá à reactivação do Édipo, o que irá alterar o equilíbrio adquirido durante a fase de latência (Poussin & Martin-Lebrun, 1999; Dias Cordeiro, 1979). Este período de crise, em que surgem os movimentos de auto-afirmação e oposição manifestados anteriormente durante o período edipiano, propícia uma nova elaboração dos conflitos vividos (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Estas variações são necessárias e constituem índices externos de uma série de adaptações internas (A. Freud & Kestenberg, cit. Dias Cordeiro, 1979).

A tomada de consciência do perigo real do conflito edipiano é vivenciada pelo adolescente com uma intensa angústia e culpabilidade, acompanha-se por uma perda da auto-estima comparada a uma “ferida narcísica” (Dias Cordeiro, 1979).

Segundo Fleming (1993) o ressurgimento da problemática edipiana é fundamental para o pré-adolescente se tornar autónomo, pois irá fazer com que este rejeite a ligação interna que mantinha com os pais durante a infância.

Para Dias Cordeiro (1979), uma das contribuições mais importantes foi este período ser considerado uma “crise” fundamental para a resolução conflitos infantis. O autor afirma ainda, que ao contrário dos autores que se situam mais ao nível pulsional, ao longo da infância, através de processos de imitação, introjecção, identificação, a criança sob pressão do Superego vai internalizando uma imagem “assexuada” dos pais, que se denomina por imago parental. Com o emergir da pré-adolescência, existe uma necessidade de regressão a fases anteriores do desenvolvimento e do luto das imagos parentais. Esta necessidade está relacionada com a maturação dos órgãos sexuais, a intensidade do instinto sexual e as restrições morais do Superego relativamente aos pais sexualizados (Dias Cordeiro, 1979). Devido a isto, as fantasias que até então eram aceitáveis passam a ser incestuosas.

O luto das imagos ocorre através do abandono do amor primitivo, que para Dias Cordeiro (1998) é o primeiro organizador da adolescência. O adolescente terá que aceitar os pais como seres sexuados. O luto é fundamental para um desenvolvimento harmonioso, pois só através deste o adolescente poderá estabelecer relações amorosas extra-familiares, isto é, descobrir o objecto heterossexual (Dias Cordeiro, 1998).

Neste período, o jovem vagueia entre a dependência e a independência, só a aquisição da maturidade lhe permite ser independente, dentro de um limite de necessária dependência (Aberastury, 1981). Existe um paradoxo, pois para o pré-adolescente ser bem-sucedido terá que se separar dos pais, mas por outro lado é a estes que tem necessidade de se identificar (Braconnier & Marcelli, 2000). Fleming (2003), também defende esta perspectiva ao afirmar que a individuação do adolescente envolve por um lado uma distância em relação aos pais, mas por outro, esforços compensatórios para o restabelecimento da ligação com estes.

A Pré-Adolescência como segundo processo de individuação

Segundo Fleming (1993), já Freud (1909) dava importância ao processo de autonomia durante a adolescência, este afirma que é um processo doloroso mas essencial para o desenvolvimento. Só através da separação interna dos objectos primitivos, o sujeito se tornará adulto e direccionar-se-á para um objecto de amor exterior. Ana Freud (1958), também enfatiza esta necessidade de o adolescente se desligar dos pais e direccionar-se para outros objectos.

Peter Blos (1962) considera a pré-adolescência, como o segundo processo de individuação. O primeiro processo de separação-individuação ocorre no fim do terceiro ano de vida, com a realização da constância do objecto, este implica a aquisição de um funcionamento autónomo, na presença da mãe e com a sua disponibilidade emocional (Mahler, 1963;1993) (quando a criança experiencia a distinção entre o self e o não self). Assim como, a criança se deve separar, individualizar da mãe, o adolescente também deve iniciar o processo de separação dos pais, tanto ao nível físico como ao nível psicológico (Blos, 1967). No início desta fase de transição, a criança é dependente da família e imatura ao nível sexual, já no final, o jovem adulto é independente e sexualmente activo. Ambos os processos têm alguns pontos em comum: elevada vulnerabilidade da organização da personalidade, urgência de mudanças na estrutura psíquica em consonância com o aumento da maturação, por fim são seguidos por desenvolvimento específico desviante que incorpora as falhas respectivas da individuação (Blos, 1967).

A individuação do adolescente é o reflexo das mudanças estruturais que acompanham a retirada emocional dos objectos infantis internalizados. Esta abre caminho para as relações objectais, contudo e a retirada não for bem-sucedida, a descoberta e investimento num objecto extra-familiar, é impedida ou permanece restrita a uma replicação simples (Blos, 1962). Esta é acompanhada por sentimentos de solidão, isolamento e confusão (Blos, 1962).

O ego (processos mentais que visam salvaguardar o funcionamento mental, a mediação entre a pulsão e o exterior) também está envolvido neste processo, pois devido à retirada da dependência infantil libidinal na adolescência, as dependências do ego, no período de latência, também serão rejeitadas. A fraqueza do ego durante a adolescência está relacionada, com o aumento da força das pulsões, e com a retirada do apoio dos pais, como ego auxiliar. Este apoio é uma componente essencial do ego da criança (Blos, 1962). Portanto o ego do adolescente é mais fraco do que o da criança, devido à ausência de apoio dos pais, pois o adolescente afasta-se. Contudo, nesta fase o Superego já está formado, estabelecido como uma consciência interior tornou-se uma agência interna (Lampl- De Groot, 1960). Por outro lado, este é abalado pelo processo de afastamento dos pais e das normas parentais. O adolescente terá que confiar no seu próprio Superego, só de forma gradual é que interioriza as normas dos pais, que posteriormente se tornaram conteúdo do superego (Lampl- De Groot, 1960). A internalização desses conteúdos implica que o adolescente desista de algo, que é uma parte essencial do seu self.

Sempre que o desenvolvimento das pulsões é perturbado e não está ao mesmo nível da diferenciação do ego, as funções deste, são elaboradas para o emprego defensivo e perdem o seu carácter autónomo. Pelo contrário, se ocorrer um avanço, a maturação das pulsões irá afectar a diferenciação e funcionamento do ego de forma positiva. O desenvolvimento das pulsões e do ego exercem uma influência contínua, um sobre o outro (Blos, 1962).

O enfraquecimento dos laços com o objecto infantil abre caminho para relações mais maduras, tornando-se o ego cada vez mais antagónico ao restabelecimento de estados ultrapassados e parcialmente abandonados e gratificações das pulsões da infância (Blos, 1962).

Para o jovem se desligar dos objectos primários e abandonar o ego infantil, é necessário ocorrer um retorno às fases de desenvolvimento iniciais. Portanto, só há uma progressão no desenvolvimento, se a regressão necessária nesta fase for bem-sucedida. Daí que, este processo constitui uma tensão dialéctica entre posições regressivas e progressivas. Esta tensão irá colocar uma pressão na interacção entre o ego e a organização pulsional (Blos, 1962). A individuação implica que, o sujeito em crescimento assuma a responsabilidade, cada vez maior, para o que faz e o que é (Blos, 1962).

Josselson (1980, cit. Fleming, 2003) aprofundou as conceptualizações de Blos, afirma que o conceito de individuação é fundamental para a compreensão do desenvolvimento do ego e permite ainda articular processos como a formação da identidade e a autonomia. Esta última, segundo a autora é o outro lado da individuação, pois à medida que se vai processando, a autonomia aumenta. Os aspectos do sujeito que se tornam individuados e autónomos devem ser incorporados na identidade (Fleming, 2003), existe uma interdependência entre individuação, autonomia e formação da identidade. Sendo que a individuação, compreende uma separação ao nível psicológico dos pais introjectados durante a infância, envolvendo alterações ao nível da autonomia. Por um lado, existe uma necessidade do adolescente ligar-se aos pais, mas por outro, existe uma necessidade de autonomia. Segundo Fleming (2003), a essência destes processos está relacionada com a consciência progressiva da necessidade de reorganização do mundo interno de acordo com as mudanças desenvolvimentais.

Do ponto de vista, da teoria da vinculação de Bowlby (1973, cit. Fleming, 2003) o processo de autonomia pressupõe um ataque relativamente à autoridade parental, mas não uma ruptura emocional. Pois para o adolescente se separar é necessário que se sinta ligado aos pais, através de um vínculo seguro.

A Pré-Adolescência no Rapaz

Durante o início da puberdade observa-se um desenvolvimento psicológico completamente diferente no rapaz e na rapariga, mas apenas é abordado o desenvolvimento do rapaz. Segundo Blos (1958), o surgimento da pré-germinalidade, de tipo sádico-anal, no rapaz determina o fim da fase de latência. Também, está presente uma ansiedade de castração relacionada com a mãe fálica, considerado o centro da pré-adolescência masculina (Blos, 1958). Existe um medo de passividade, isto é, o medo da submissão à mãe arcaica, activa, pré-ediípica que serviu de arquétipo às bruxas de folclore (Blos, 1962). Para além da mãe as outras raparigas também são vistas de forma negativa, ameaçadora. Portanto, o rapaz para se defender, afasta-se do sexo oposto, Blos (1958) denomina este afastamento como uma defesa homossexual.

Para o pré-adolescente, o pai e os outros homens são vistos como aliados, isto irá atenuar a angústia de castração do rapaz relativamente à mãe arcaica. Aproxima-se do pai, tendo uma relação boa e positiva, não há medo, competitividade, nem hostilidade. Entre os 11 e os 13 anos os rapazes apresentam problemas de agressão sobre a mãe, aos 14 essa agressão é transferida para o pai (Blos, 1962).

Contudo, se o objecto homossexual for considerado perigoso e castrador, isto é, a ligação ao pai ainda é dessexualizada, o rapaz irá ter dificuldades na solidificação da sua identidade sexual durante a adolescência (Malpique, 1990).

As acções físicas são também um esforço, uma forma para reduzir a angústia de castração. Verifica-se ainda, um aumento da pressão libidinal que perturba o equilíbrio entre o ego e o id, existente durante o período de latência. O rapaz não possui nenhuma modalidade passiva de descarga somática das pulsões. Nesta fase o falo serve como órgão inespecífico de descarga da tensão proveniente de qualquer fonte, é investido com uma energia agressiva que se reflecte nas fantasias sádicas.

As acções e fantasias sádicas características desta fase são ecos das lutas sadomasoquistas infantis, que normalmente se travam entre mãe e filho durante as fases pré-germinais (Blos, 1962). O eu do pré-adolescente sai fortalecido da luta com a mãe arcaica.

Durante esta fase do desenvolvimento há que salientar que o genital masculino ainda não foi convertido no portador de sensações específicas que formam parte das emoções interpessoais. Só a participação gradual na relação afectuosa e erótica (real ou imaginária) poderá domesticar a componente agressiva da pulsão sexual. Só depois a meta libidinal, a

preservação e a protecção do objecto de amor, separará a pulsão agressiva da perseguição directa da sua meta primitiva e obterá gratificação mutua. Antes de alcançar esta meta, por vezes o rapaz elabora representações simbólicas da sua pulsão que envolvem expressões tanto activas como passivas de gratificação instintiva.

O avanço do desenvolvimento psicosexual está ligado ao abandono da mãe fálica e à cobrança feita pela mãe feminina. A inveja desta e a identificação com ela são típicas de uma fase de transição, é muito provável que esta fase do desenvolvimento precipite a elaboração conflitiva do complexo de Édipo negativo, com a figura do mesmo sexo (Blos, 1962).

Desenvolvimento Cognitivo e Egocentrismo

Segundo Elkind (1967) do ponto de vista cognitivo a principal tarefa da pré-adolescência é a conquista do pensamento. É fundamental ter em conta o desenvolvimento cognitivo devido à entrada do jovem no período das operações formais. Este vai adquirindo progressivamente a capacidade que lhe permite raciocinar de forma hipotético-dedutiva, isto é a partir de hipóteses e não apenas com base no real, como no período anterior das operações concretas (Piaget, 1956). Esta nova capacidade reflectir-se-á na sua interacção com os adultos e como pensa sobre si próprio, o que lhe permite a emergência de uma vida interior distinta da existente anteriormente. Possibilita ao jovem por um lado analisar de uma forma crítica o pensamento dos adultos, e por outro pensar por si próprio, construindo as suas teorias acerca do que o rodeia. Esta nova forma de pensar liberta o pré-adolescente do egocentrismo infantil dando origem a uma nova forma de egocentrismo característico da adolescência (Elkind, 1967). De acordo com este autor o egocentrismo surge porque o jovem ainda não consegue diferenciar os seus objectos de interesse, dos objectos de interesse dos outros. Portanto ao não possuir esta capacidade adopta que os outros centram o seu pensamento naquilo que para ele é fundamental, isto é, tem a crença de que os outros se preocupam com a sua aparência e com o seu comportamento. Este egocentrismo tende a atenuar-se, sendo normalmente ultrapassado por volta dos 15, 16 anos quando o período das operações formais está completamente estabelecido (Elkind, 1967).

O Divórcio

Ao longo desta última década, o divórcio têm vindo a aumentar de forma exponencial. Em 2000 o número de divórcios por 100 casamentos era de 30%, no ano de 2010 essa percentagem aumentou para os 68,9% (INE, cit. Pordata, 2012). Apesar de esta temática ser estudada há algumas décadas, devido a este aumento drástico cada vez é mais importante analisar e compreender qual o seu impacto e a forma como as crianças e adolescentes enfrentam, ultrapassam e se adaptam a esta situação.

O divórcio representa uma transição prolongada nas vidas de pais e filhos, para estes últimos, esta situação pode tornar-se particularmente difícil devido às capacidades parentais dos progenitores se encontrarem diminuídas em muitas das suas dimensões (Ramires, 2004; Hack & Ramires, 2010).

Quando o divórcio surge, a família é confrontada com uma perda, isto é, com uma situação de luto de uma relação que acabou, ao nível contextual (Costa, 1994). Esta situação irá provocar uma crise tanto ao nível familiar, como ao nível individual, daí exigir uma adaptação de todos os membros da família. O desequilíbrio e desorganização gerados inicialmente podem desencadear perturbações psicológicas e comportamentais, tais como: fúria, medo, depressão, culpabilidade, dificuldades ao nível escolar, entre outras. É de salientar que, estes sintomas têm tendência a diminuir à medida que se vai restabelecendo progressivamente a estabilidade (Ramires, 2004). Existem diversos factores que contribuem para a adaptação a esta transição, sendo eles: a idade, o sexo, o nível de desenvolvimento, as características de personalidade, a qualidade da interacção, a relação inter-parental, entre outros (Costa, 1994). Portanto, as diversas respostas existentes face ao divórcio resultam da interacção entre as características individuais das crianças e a vivência familiar antes e depois da separação parental (Wallerstein & Kelly, 1996/1998; Kaslow & Schwartz, 1987/1995, cit. Ramires, 2004). “Tais experiências, tanto podem potencializar como podem atenuar os velhos problemas, gerar novos, bem como favorecer a adaptação e o crescimento de todos” (Ramires, 2004).

Segundo Féres-Carneiro (1998) a capacidade dos filhos em lidar com a separação depende da relação entre os progenitores e da competência destes em distinguir a função conjugal da função parental.

Berger (1998) salienta que não se pode falar do divórcio em geral, pois é uma situação muito específica, tanto para o casal com a sua própria história, como para a criança com as

suas características próprias. Segundo Liberman (1979, cit. Berger, 1998) a criança poderá manifestar diversas perturbações durante este período.

Nas décadas de 50, 60 e 70, as investigações acerca do divórcio baseavam-se no surgimento de problemas de comportamento, após a separação (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999, cit. Ramires 2004). Era considerado um acontecimento traumático, com consequências muito negativas para o desenvolvimento da criança, tendo efeitos severos e duradouros no seu ajustamento. (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999; Homem, Canavarro & Pereira, 2009). Nesta época defendia-se que era necessária uma estrutura familiar, em que os dois pais estivessem presentes, para que a socialização da criança fosse bem-sucedida. A ausência do pai implicaria diversas consequências adversas (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999, cit. Ramires 2004). Estes estudos focavam-se na estrutura familiar e nos resultados adversos. Ao longo dos anos, constatou-se que estes pressupostos, nem sempre correspondiam à realidade, pois só uma minoria dos filhos apresentava distúrbios que perduravam ao longo do tempo (Hetherington & Stanley-Hagan, 1999, cit. Ramires 2004).

Começaram então, a surgir abordagens mais integradoras, que encaram o divórcio como um processo complexo que envolve diversas componentes e que exige adaptações individuais e familiares (Homem, Canavarro & Pereira, 2009). As investigações passaram a centrar-se no estudo das condições de vulnerabilidade e de resiliência. Esta última diz respeito, à forma como a criança ou o adolescente encara e resiste a um traumatismo ou a condições difíceis, portanto, se este apesar de passar por uma situação adversa consegue manter a integridade do seu desenvolvimento (Célia, 2002; Guédeney, 2002, cit. Homem, Ramires, 2004). O divórcio passou a ser entendido como um processo que submete o sujeito a diversos ajustes. Estes estudos acentuam que, após a separação é fundamental que continue a existir o vínculo com ambos os pais (Ramires, 2004).

Apesar do divórcio, ser por vezes a melhor solução para um relacionamento familiar destrutivo e permitir à criança a saída de um ambiente gerador de stress, segundo Hetherington (1979), a maioria das crianças experiencia o divórcio como doloroso, mesmo as que mais tarde estarão aptas a reconhecer que a separação teve resultados construtivos, inicialmente terão passado por algum sofrimento. Diversas investigações corroboram este autor, isto é, a maior parte das crianças com pais divorciados, passa por uma fase inicial em que a separação é considerada um factor causador de grande stress (Ahrons, 2007; Amato & Keith, 1991; Cowan, 1990; Hetherington, Cox & Cox, 1982, cit. Homem, Canavarro & Pereira, 2009). A maior parte das crianças pode enfrentar e adaptar-se a esta crise em poucos

anos. Contudo, se a crise for composta por diversas situações de stress e de adversidade, poderão ocorrer disrupções desenvolvimentais (Hetherington, 1999, cit. Ramires, 2004).

Existem ainda estudos que sugerem o contrário, consideram que o divórcio implica pressões persistentes, tais como a dificuldade económica e a solidão. Se estas situações de verificarem, o bem-estar psicológico das crianças não vai melhorar (Emery, 1982). Diversos autores, têm sugerido que os filhos de pais divorciados apresentam níveis de perturbação mais elevados, do que os filhos de famílias “tradicionais” (Hetherington, Stanley-Hagan & Anderson, 1989; Wallestein & Kelly, 1980, cit. Ramires, 2004). Os conflitos conjugais e/ou a consequente separação parecem estar associados à emergência de situações de depressão, desinvestimento, competência social baixa, problemas de saúde e baixo rendimento escolar (Amato & Keith, 1991; Cowan & Cowan, 1990; Emery & O` Leary, 1982, cit. Ramires, 2004).

Esta situação também pode ser uma oportunidade para superar conflitos, tornar os relacionamentos mais integrados e harmoniosos, e ainda proporcionar um crescimento pessoal e bem-estar. Apesar de, uma família harmoniosa e intacta ser o mais aconselhável para o bom desenvolvimento e socialização da criança. Uma família monoparental, por vezes pode ser muito mais saudável e satisfatória para a criança, do que uma família “tradicional” conflituosa (Hetherington, 1979;1999; Hetherington & Stanley-Hagan, 1999).

Através destas diferentes perspectivas e estudos, constata-se que as consequências do divórcio para o sistema familiar não podem ser abordadas de forma simples e linear. Os efeitos são influenciados por diversos factores que determinam a resposta da família a esta situação.

A presença de factores de stress como o conflito, a perda, a mudança e a incerteza, presentes durante e depois do divórcio, leva a que vários membros da família estejam sujeitos a diversas modificações (Heatherington et al., 1982, cit. Homem, Canavarro & Pereira, 2009).

Uma das abordagens compreensivas, acerca dos efeitos a curto-prazo do divórcio nas crianças diz respeito à ausência parental. Esta baseia-se na premissa/pressuposto de ocorrerem défices no processo de socialização, devido às crianças crescerem apenas com um dos progenitores (Easterbrooks & Emde, 1998; Emery, 1982, cit. Homem, Canavarro & Pereira, 2009). Segundo esta perspectiva, os dois progenitores são bastante importantes para o desenvolvimento das crianças, daí que a presença de ambos seja mais positiva do que a de apenas um. É de salientar que, esta perspectiva tem sido criticada por se basear apenas na estrutura da família, não valorizando os processos familiares.

Diversos estudos constataram que o divórcio conduz a um decréscimo na quantidade e qualidade do contacto entre as crianças e os progenitores (Amato, 1987 & Heatherington et al., 1982, cit. Homem, Canavarro & Pereira, 2009). Verifica-se relativamente ao progenitor que não detém a guarda, pois acaba por passar menos tempo com a criança. Mas também se pode verificar com o progenitor que tem a custódia, pois habitualmente este terá que trabalhar mais, tendo também constrangimentos relativamente ao tempo e energia que pode dedicar aos filhos. Este decréscimo de apoio parental pode aumentar a probabilidade de aparecerem determinados problemas, como baixo rendimento escolar, baixa auto-estima e problemas de comportamento (Homem, Canavarro & Pereira, 2009). A falta de modelos parentais em casa, pode conduzir a um défice na aprendizagem das competências sociais.

Existe uma outra abordagem que se baseia no conflito familiar, esta defende que o conflito conjugal é o principal factor de stress para as crianças. A hostilidade entre o casal cria um ambiente de tensão, no qual as crianças experienciam stress, infelicidade e insegurança (Homem, Canavarro & Pereira, 2009). Com isto, as crianças, ao recearem o divórcio dos pais podem exhibir mais comportamentos desadequados, como tentativa de distraírem os pais dos seus conflitos conjugais. Estes podem levar à inconsistência da disciplina dada aos filhos, que teria consequências negativas para a adaptação destes. É de referir, que esta abordagem é aquela que tem recolhido maior suporte empírico (Easterbrooks & Emde, 1988; Heatherington et al., 1982; Pruett et al., 2003, cit. Homem, Canavarro & Pereira, 2009).

A comunicação da separação delimita dois momentos na sua vida um antes e um depois. A ruptura do casal, não deve ameaçar o vínculo entre a criança e cada um dos progenitores. A criança precisa de saber logo que alterações vão ocorrer no seu quotidiano. É necessário algum tempo e paciência para que esta reaja ao que lhe foi dito.

A maioria dos filhos de pais separados, durante a infância e adolescência têm saudades de quando os pais viviam juntos. Muitos manifestam a sua angústia através da desobediência, quando passam de uma casa para a outra. Esta forma de manifestação é perfeitamente normal. Existem alguns que não aceitam o divórcio dos pais, recusam que este possa ser irreversível. Podem fazê-lo de diversas maneiras: tentarem constantemente juntarem os pais novamente, não consentirem a mínima alusão à separação, identificarem-se ao progenitor ausente e dificuldades em representar a sua origem (Berger, 1998). Confrontada com esta situação, a criança é invadida por um intenso sentimento de perda, ao nível dos referenciais afectivos. O rompimento do laço afectivo, entre os pais faz com que a criança sinta que o vínculo que a

une a cada um deles esteja ameaçado, pois ao não viver com ambos, fica sem saber como há-de amá-los.

A separação parental provoca na criança um estado psíquico muito próximo do luto. A cicatrização da ferida emocional causada por esta situação passa por vários estádios, semelhantes aos do processo do luto. Durante o período do choque a criança é invadida por sentimentos como recusa de enfrentar a realidade, revolta, tristeza, desgosto, onnipotência. Segue-se um período de aceitação da realidade, intelectual depois global. Por fim, a criança investe na sua vida presente.

Passa a ter duas casas, dois modos de vida, mas quando sente que continua a ocupar um lugar central na vida de ambos, volta a confiar na capacidade de suscitar o amor dos progenitores, projecta-se novamente no futuro (Poussin & Martin-Lebrun, 1999). Contudo, se os conflitos parentais permanecerem ou o aparecimento de uma terceira pessoa os absorver, a criança sentir-se-á desvalorizada e perderá toda a confiança em si e no futuro (Poussin & Martin-Lebrun, 1999).

O relacionamento com o progenitor que sai de casa tem tendência a piorar (Amato & Booth, 1996, Cooney, 1994, Hetherington & Kelly, 2002, cit. Moura & Matos, 2008), mas com o progenitor que detém a custódia não parece ser muito afectado (Amato & Booth, 1996; Cooney, 1994; Dunlop, Burns & Bermingham, 2001, cit. Moura & Matos, 2008). Contudo, alguns estudos verificaram uma diminuição qualitativa da relação, sendo visíveis alguns sinais de tensão (Hetherington *et al.*, 1982; Woodward, Fergusson & Belsky, 2000, cit. Moura & Matos, 2008).

Poussin e Martin-Lebrun (1999), constataram através da observação clínica, as dificuldades com que a criança se confronta quando deixa de ver o pai ou quando está com ele casualmente. Heterington (cit. Poussin & Martin-Lebrun, 1999) destaca, a grande dificuldade que os rapazes tinham em identificar-se com a imagem masculina quando o pai abandonava o lar e deixava de ver o filho ou pouco o via. Já Block (cit. Poussin & Martin-Lebrun, 1999) observou uma agressividade mais acentuada nos rapazes, causada pela ausência do pai.

Para a criança, o mais difícil é viver com os pais em regime de alternância, pois tem de deixar um para ir ter com o outro (Poussin & Martin-Lebrun, 1999), o que poderá provocar uma angústia de separação.

Quando o divórcio ocorre durante a adolescência, apesar de ser um período turbulento, desarmónico e disruptivo, o jovem já tem outros mecanismos internos e capacidade para perceber os factos (Ribeiro, Sampaio, Pais de Amaral, 1992). Já é capaz de analisar um

problema, tendo em consideração todas as implicações possíveis, e observar a situação do ponto de vista de outra pessoa (Poussin & Martin-lebrun, 1999). Devido ao seu nível de desenvolvimento cognitivo, tem a capacidade de compreender de uma forma mais realista os factores que desencadearam o divórcio. Compreende os elementos que constituem uma dada situação e quais as suas implicações. Percepcionam o grupo de pares como um suporte alternativo (Chase-Lansdale, Cherlin & Kiernan, 1995, cit. Moura & Matos, 2008). Contudo, os jovens são bastante sensíveis ao processo de divórcio, pois possuem relações consistentes com os pais, podendo sentirem-se mais pressionados a envolver-se no conflito dos pais (Chase-Lansdale, Cherlin & Kiernan, 1995, cit. Moura & Matos, 2008).

Geralmente, as consequências da separação não são tão graves pois o adolescente é capaz de exteriorizar, de demonstrar uma maior revolta, grande agressividade e até mesmo comportamentos delinquentes (Ribeiro, Sampaio, Pais de Amaral, 1992). Pode ter reacções irremediáveis, como o suicídio, mas na maioria das vezes, o divórcio tende a deixar marcas menos graves na personalidade. Não quer dizer que não possa ter consequências graves, mas cada caso é um caso (Ribeiro, Sampaio, Pais de Amaral, 1992).

Neste período os conflitos de lealdade e a adesão a um dos pais são menos acentuados, pois já se apercebe melhor da sua posição relativamente aos acontecimentos familiares (Wallerstein & Kelly, 1989 cit. Poussin & Martin-lebrun, 1999). Portanto, caso vivam a ruptura com culpabilidade tendem a localiza-la em ambos os pais.

“Nesta fase, a separação parece ser um contra-senso, pois é o adolescente que tende a sair de casa, não os pais” (Poussin & Martin-lebrun, 1999). Talvez pelo despertar da sexualidade, o pré-adolescente se sinta especialmente angustiado, ao tomar consciência dos seus pais como objectos sexuais, em especial quando os pais começam a ter outros relacionamentos, daí existir uma enorme dificuldade em aceitar a nova vida sexual dos pais (Poussin & Martin-lebrun, 1999).

O divórcio pode levar o adolescente a confrontar-se com as dificuldades dos pais, levando-o a entrar de forma mais rápida na vida adulta. Cohen (2002) afirma que o adolescente perante o divórcio pode desenvolver uma autonomia prematura, com desidealização de cada pai. Contudo, se os laços entre pai e filhos não foram sólidos, porque não foram consolidados durante a infância, o adolescente tenderá a pôr em causa o reconhecimento e a aceitação da lei social. O jovem “sentir-se-á encurralado entre a sua onnipotência e uma grande vulnerabilidade” (Poussin & Martin-lebrun, 1999). Não dispõem da autoridade afectuosa do pai para lhe dar segurança e ajudá-lo a encontrar a sua própria

identidade no meio de diversas imagens identificatórias. Poderá desligar-se da família e aderir a um grupo onde a semelhança exterior lhe dá a ilusão de identidade (Poussin & Martin-lebrun, 1999).

É de salientar, que nem sempre a ausência e o desinteresse do pai significam necessariamente delinquência e inadaptação social. O equilíbrio da mãe pode ser suficiente para fornecer ao adolescente os referenciais necessários ao seu desenvolvimento psíquico (Poussin & Martin-lebrun, 1999).

A autoridade materna instaura-se de uma forma muito diferente, é aceite em troca dos cuidados quotidianos. Quando a mãe assume sozinha a educação do filho, este tem noção do que isto representa. Se tiver interiorizado uma imagem masculina suficientemente estruturada durante a infância poderá inserir-se socialmente de uma forma satisfatória e saberá corresponder ao desejo da mãe (Poussin & Martin-lebrun, 1999).

Por vezes, as mães que se encontram nesta situação de divórcio, e em que os filhos são mais velhos são mais susceptíveis a recorrer estes, em busca de apoio emocional e ajuda nos problemas práticos do quotidiano. Pedem aos filhos que desempenhem, algumas das funções que o pai executava. No estudo realizado por Moura & Matos (2008), constatou-se que os jovens manifestam uma menor qualidade do laço emocional e ansiedade de separação em relação à figura parental.

Entre os 10-13 anos os pré-adolescentes demonstraram maior aceitação da nova união dos pais (Ramires, 2004 cit. Hack & Ramires, 2010), mas ao mesmo tempo revelaram sentimentos de culpa e temores de retaliação em relação ao progenitor que saiu de casa, raiva, tristeza.

Relativamente ao género, diversos autores constataram que o impacto da separação parental é mais duradouro nos rapazes (Hetherington, Cox & Cox, 1978, cit. Hetherington, 1982), sendo que estes revelam uma conduta mais prolongada de desobediência e agressividade (Hetherington et al., cit. Hetherington, 1982). Demonstram também uma taxa superior de condutas de desordem e problemas ao nível das relações interpessoais. Num estudo comparativo de jovens na fase da adolescência inicial, confirma que as raparigas são mais ajustadas ao nível social e académico que os rapazes, estes necessitam de um maior tempo de adaptação, mostrando-se mais violentos (Hines, 2007, cit. Hack & Ramires, 2010). De acordo com Kelly e Emery (2003), o rapaz adolescente tem mais riscos de apresentar problemas de ajustamento e problemas académicos. O menino sente mais falta da figura paterna, neste período, pela necessidade do modelo masculino.

FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A pré-adolescência é um período muito especial, que se caracteriza por intensas alterações que desorganizam o jovem. Este oscila entre a independência e a dependência, apesar do desejo e gradual independência, os momentos dependência continuam a ser importantes e organizadores. Daí que Blos (2003) a caracterize como o segundo processo de individuação, que irá permitir o estabelecimento de relações objectais adultas. A escolha da pré-adolescência prende-se com o facto de ser uma etapa do desenvolvimento na qual ocorrem diversas mudanças, para as quais o sujeito muitas das vezes, não está preparado devido à sua imaturidade, como tal a adaptação a estas por vezes é difícil. A situação de divórcio pode dificultar ainda mais esta fase e alterar a representação da família.

O divórcio implica uma alteração da dinâmica familiar e uma adaptação dos intervenientes. A família ao ser um elemento fundamental no desenvolvimento e um modelo relacional para o sujeito, quando sofre alterações, poderá influenciar a sua representação. Esta diz respeito à ideia que se organiza a partir do objecto, neste caso dos pais, ao ponto de poder substituir ou sobrepor-se a esse mesmo objecto (Matos, 2005).

O divórcio é uma problemática cada vez mais frequente e actual, sendo fundamental compreender, a diversos níveis, qual o seu impacto. Neste estudo iremos averiguar, se o divórcio tem alguma influência ao nível da representação da família. Este poderá ser um factor desestabilizador, o jovem sendo ainda dependente tem de lutar pela sua autonomia como forma de defesa poderá idealizar a família, pois necessita desta como um organizador, para conseguir autonomizar-se. Desta forma, interessa perceber que tipo de representação existe nos pré-adolescentes quando os pais estão divorciados.

MÉTODO

Hipóteses

Tendo em conta a problemática abordada, a Hipótese proposta é:

Hipótese 1: “Prevê-se que no grupo de pré-adolescentes com pais divorciados, a representação da família é mais idealizada.”

Delineamento

É um estudo comparativo que tem como objectivo compreender a representação da família de pré-adolescentes do sexo masculino, com pais divorciados. No qual a representação é abordada através do desenho, contrastando os jovens em contextos familiares diferentes. Para tal, procedeu-se à comparação com o grupo de pré-adolescentes que fazem parte de “famílias tradicionais”, isto é, que os pais estão casados.

Como foi referindo anteriormente, o surgimento desta etapa no sexo masculino ocorre entre os 12 e os 14 anos, portanto optámos por escolher a faixa etária dos 13/14, pois os rapazes com 12 anos poderiam ainda estar na fase anterior, o período de latência.

Como o objectivo da investigação é o estudo da representação da família, o desenho da família pareceu-nos ser o instrumento mais adequado, por ser um instrumento projectivo tem a mais-valia de abordar o pré-adolescente de uma forma subjectiva.

É utilizada uma metodologia qualitativa, que é um método que pesquisa, explicita e analisa fenómenos (visíveis ou ocultos), sendo que estes não são passíveis de serem medidos (Mucchielli, 1991, cit. por Holanda, 2006). Ao privilegiar-se a interpretação pode ter-se uma maior compreensão dos sujeitos e da sua dinâmica (Guba & Lincoln, 1994).

Participantes

A amostra é constituída por 14 pré-adolescentes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 13 e os 14 anos, sendo que 7 fazem parte do grupo com pais divorciados (grupo experimental) e os outros 7 pertencem a “famílias tradicionais” (grupo de controlo).

No grupo experimental, dos 7 sujeitos 3 têm 14 anos e 4 têm 13 anos, sendo ainda que 3 sujeitos frequentam o ensino privado e 4, o ensino público.

Quanto à situação familiar, determinamos que os pais teriam de estar divorciados pelo menos há um ano, visto ser o tempo mínimo de adaptação a esta situação. Na maioria dos sujeitos o divórcio ocorreu há vários anos (8, 9, 10 anos), em apenas dois ocorreu recentemente (1/2 anos), portanto incidiu em fases do desenvolvimento bastante distintas.

Quanto ao grupo de controlo 5 pré-adolescentes têm 13 anos e 2, 14 anos, apenas 1 frequenta o ensino público, os restantes o ensino privado.

As características sócio-demográficas controladas foram a idade, o género, a escolaridade e o tempo de divórcio (pelo menos 1 ano).

Instrumento

O instrumento utilizado será o Teste do Desenho da Família de Corman. Segundo Wagner e Bandeira (1996), o desenho “é uma interpretação que o sujeito faz da sua realidade, revelando aspectos que não-verbaliza ou inconscientes”

“O desenho da criança, expressa algo mais que a sua inteligência ou o seu nível de desenvolvimento mental, é uma espécie de projecção da sua própria existência e também da dos outros, ou ainda a maneira pela qual sente a existência de si própria e dos outros.” (Boutonier, cit. Corman, 2003).

O desenho da família tem sido considerado um bom instrumento para a avaliação dos conflitos familiares da criança. Contudo, existem diferentes formas de instrução e interpretação. Apesar destas diferenças, todos os autores concordam que o desenho da família é uma técnica projectiva gráfica, na qual a criança projecta as suas atitudes e sentimentos relativamente à família (Wagner & Bandeira, 1996). Este permite uma projecção da criança, pode revelar os verdadeiros sentimentos que manifesta em relação aos familiares mais próximos.

O Teste do Desenho da Família de Corman é de aplicação e interpretação fácil, tendo uma boa adesão por parte das crianças e adolescentes. Deverá ser aplicado entre os 5/6 anos e os 14/15 anos. O material necessário é uma folha de papel e um lápis

Irá dar-se ao pré-adolescente a instrução: “desenha uma família, uma família que imagines”, pois esta formulação facilita a projecção dos sentimentos subjectivos. Permite que as tendências inconscientes se expressem mais facilmente e ainda ter a possibilidade de se desviar do real (Corman, 2003).

Modo de aplicação

Coloca-se o sujeito diante de uma mesa, com uma folha de papel e um lápis. Diz-se ao pré-adolescente “desenha uma família, imagina uma família, e desenha-a”.

Deverá anotar-se, de forma discreta em que parte da folha o sujeito iniciou o desenho, qual a primeira personagem a ser desenhada, a ordem de execução dos membros da família, o cuidado dispensado aos detalhes, o tempo dispensado em cada elemento, caso seja significativo e o local de inibição traduzido por paragens. Por fim, quando o desenho estiver terminado realiza-se um inquérito. Para cada personagem pergunta-se qual o seu papel na família, o seu nome, sexo, idade.

A análise dos resultados baseia-se no método de interpretação de Corman (1967), portanto irá proceder-se à análise dos desenhos através de três níveis de interpretação: o Nível Gráfico, o Nível das Estruturas Formais e o Nível do Conteúdo. O material usado para se proceder a esta análise são as respostas obtidas no questionário e a produção do desenho elaborado pelos sujeitos.

Níveis de Interpretação

Nível Gráfico

Este primeiro nível está relacionado com a forma como o sujeito se serve do lápis e traça os pontos, rectas e curvas, que são reveladores da sua psicomotricidade e das suas disposições afectivas.

O traçado do desenho é analisado quanto à sua *amplitude, força, ritmo, orientação, zona ou localização da página*.

1. *Amplitude* (tamanho): As linhas traçadas num gesto amplo e que ocupam grande parte da folha indicam uma grande expansão vital e fácil extroversão de tendências. Contrariamente, se o gesto é de pouca amplitude pode concluir-se

que há uma inibição da expansão vital, com uma forte tendência para a introversão.

2. *Força*: traduz-se na espessura do traço, no seu grau de negrura e na marca que imprime no papel. Um *traço forte* pode significar fortes impulsos, audácia, violência e liberação instintiva. Já um *traço fraco* pode indicar impulsos fracos, doçura, timidez e inibição dos instintos. O traço pode ainda ser misto, isto é, forte e fraco.
3. *Ritmo*: está relacionado com a repetição dos traços numa personagem ou de uma personagem para a outra. Essa tendência para a repetição rítmica, que pode mesmo atingir uma estereotipia, oposta ao desenho livre. Isto significa que o sujeito perdeu uma parte da sua espontaneidade, que vive sobre o constringimento das regras.
4. *Orientação*: analisar se o sujeito começou o desenho da esquerda para a direita, sinónimo de um movimento progresso natural, ou da direita para a esquerda, o qual representa um movimento regressivo. Há que ter em conta, se o sujeito é destro ou canhoto.
5. *Localização da página*: diz respeito à zona da página ocupada pelo desenho. A zona inferior corresponde aos instintos primordiais de conservação da vida, zona de preferência dos deprimidos. A zona superior é a da expansão imaginativa, própria dos sonhadores e dos idealistas. A zona da esquerda é a do passado, está mais relacionada com os sujeitos que estão mais voltados para a infância e a zona da direita corresponde ao futuro.

Nível das Estruturas Formais

Este nível diz respeito ao esquema corporal, ao grau de perfeição do desenho, que é testemunho da maturidade de quem o realiza, o que pode ser indicador do seu nível de desenvolvimento. Neste nível está patente a maneira pela qual é desenhada cada parte do corpo, a procura dos detalhes, as proporções das diferentes partes entre si e o complemento de vestuário e outros ornamentos. Existem dois tipos de apreensão: o tipo sensorial é um tipo de espontaneidade, vitalidade, sensibilidade no grupo familiar face à actividade e à comunhão. Aqui são analisadas as linhas curvas que remetem para um dinamismo da vida; o tipo racional é inverso ao anterior, neste a espontaneidade foi, pelo menos em parte inibida pelas censuras, dando lugar a uma certa rigidez. As personagens são pouco móveis, isoladas umas das outras,

mas frequentemente desenhadas com precisão de detalhes. Ao contrário do outro, as linhas rectas e os ângulos, predominam sobre as curvas

Nível do Conteúdo

Existem *tendências afectivas positivas e negativas*, sendo que as primeiras estão relacionadas com os sentimentos de admiração ou de amor que conduzem o sujeito, a investir no objecto privilegiado, isto quer dizer, colocá-lo em relevo no desenho; pelo contrário, as tendências negativas são sentimentos de desconsideração ou ódio, que conduzem o sujeito a desinvestir a pessoa em questão, a desvalorizá-la no seu desenho.

Existem sujeitos que desenharam a sua verdadeira família, fazem-no baseado no *princípio do prazer*, os que desenharam uma família imaginária baseiam-se no *princípio do prazer-desprazer*. Estes dois princípios são opostos, mas ambos são fundamentos da condição humana, encontram-se relativamente equilibrados.

O Nível de Conteúdo está relacionado com as defesas do Eu contra a angústia, sendo que estas expressam-se pela primeira personagem desenhada, pelas personagens valorizadas, pelas personagens desvalorizadas, pelas personagens acrescidas, pelas ligações e relações entre as personagens, pelas identificações e por tipo de família representado no desenho.

As defesas do ego nas situações patológicas derivam de mecanismos de repressão, da negação de uma realidade muito penosa, para ser suportada (Corman, 2003). Quando a angústia provém do exterior, o sujeito elimina-a do seu desenho. Quando provém do interior (do Id ou do Superego), como não pode ser suprimida é recalcada para o inconsciente, ou seja, é eliminada do consciente. Portanto por um lado o sujeito não pensa possuir mais essa tendência, e por outro essa tendência recalcada não tem acesso à realização. Contudo, nunca deixa de estar activa e de procurar realizar-se, mesmo que de forma camuflada para não suscitar angústia. Para este fim, podem ser accionados dois mecanismos de defesa: o *deslocamento* e a *projectão*. No primeiro, a tendência está presente e satisfaz, mas é assumida por uma outra personagem que não o sujeito. No segundo, o impulso reprimido é atribuído à personagem principal que assume o lugar e a situação do sujeito.

A angústia diante do Superego provém do sentimento de culpa. No início, manifesta-se devido à severidade dos pais, mas mais tarde os ideais e as proibições paternas são introjectados pela criança, formando-se o Superego. É este que, opera no interior do sujeito, crítica, censura e pune as suas acções culpáveis. Por um lado, o Superego amplia o recalçamento dos impulsos repreensíveis, desenvolvendo no Ego as tendências exactamente

opostas aos impulsos recalcados. Por outro, enquanto a maioria dos sujeitos tendem a engradecer a personagem, outros que experienciam a angústia do Superego, humilham-se e tornam-se minúsculos perante a instância temida (*retorno contra si dos impulsos agressivos*), com finalidade de conseguir a reparação. Assim, sempre que o sujeito se desvalorize, seja através da sua representação desproporcionalmente pequena, à margem da folha, abaixo das restantes personagens, seja declarando-se pior ou menos feliz que os outros, é porque sofre de angústia de culpabilidade. Em casos mais extremos, pode mesmo excluir-se do desenho (Corman, 2003).

Como foi referido anteriormente, o Ego defende-se contra a angústia que deriva de uma situação exterior ou interior muito penosa. O desenho da família tende a acentuar a defesa do Ego, por valorização ou desvalorização das personagens representadas.

A personagem que o sujeito considera como mais importante é a que admira, inveja ou teme. É a pessoa na qual investe a maior carga afectiva e com a qual se identifica de forma consciente ou inconsciente. A personagem valorizada é frequentemente desenhada em primeiro lugar, porque é nela que o sujeito pensa de imediato e que lhe desperta maior atenção. Quase sempre ocupa a posição inicial à esquerda da família, pois em geral, o desenhado elaborado pelos destros, é da esquerda para a direita. Sendo frequente que seja um dos pais. Quando é uma criança a ser representada em primeiro lugar, significa que nela se cristalizam as principais aspirações do sujeito, este considera o seu sexo e o seu papel privilegiados e no seu íntimo mantém o sonho de ocupar o seu lugar. Quando é o próprio sujeito a desenhar-se em primeiro lugar, reflecte uma tendência narcisista muito acentuada. Muitas das vezes, esta situação ocorre devido à impossibilidade de investir nos familiares, devido a um conflito, corrige os seus investimentos e faz uma regressão narcísica sobre si mesmo. A personagem valorizada destaca-se também pelo seu tamanho, pelo maior cuidado na sua realização, pelas cores, pelo tempo despendido e o retorno a essa personagem, pela presença de detalhes, por se tratar da personagem valorizada no questionário e investida positivamente.

Quanto à desvalorização, o mecanismo de defesa mais primitivo diz respeito à negação da realidade, à qual a criança se sente incapaz de adaptar-se. Sendo que essa negação no desenho, se exprime pela exclusão daquilo que provoca angústia. Quando um dos membros da família não está presente no desenho, pode concluir-se que deseja o seu desaparecimento. Frequentemente, a pessoa excluída é um dos irmãos ou irmãs, mas também pode acontecer ser um dos pais ou os dois, o que pode levar a concluir que o sujeito tem uma

relação difícil com a figura ausente. Pode ainda acontecer, o sujeito não se representar no desenho, neste caso pode constatar-se que, na situação actual em que se encontra, idade e sexo, não se sente à vontade e gostaria de ser outro. Apesar de não se representar, pode estar representada sob traços de outra pessoa, da qual gostaria de ocupar o lugar. Por vezes, a escotomização ocorre apenas em uma parte de uma personagem. Podem ser omitidos os braços, ou os pés ou traços fisionómicos. A personagem desvalorizada pode ainda ser representada com um tamanho menor, colocada em último lugar, com frequência à margem da folha, colocada distante das outras ou abaixo delas, ser desenhada com menor cuidado que as outras ou com omissão de detalhes, depreciada por um atributo negativo ou uma alteração da idade (um dos pais com idade superior ou outro), por fim não ser designada pelo nome, enquanto as restantes o são.

Uma forma particular de desvalorização é riscar uma das personagens, após a ter desenhado. Na maioria dos casos, cancelar o que foi desenhado é um indício de um conflito entre uma tendência projectada no desenho e interdita de seguida pela censura do Ego.

Quando uma tendência instintiva não pode ser manifestada, nem assumida, por causar uma certa culpa no sujeito, este renuncia, reprimindo-a. Contudo, os impulsos procuram manifestar-se, realizando-se através de um deslocamento. A situação mais simples é quando a criança atribui a tendência censurada aos irmãos, ou ainda, embora seja raro, aos pais, e concede a si própria todas as virtudes de um individuo inatacável.

Em muitos casos, quando a criança é livre para criar o desenho do seu universo familiar, pode introduzir uma ou várias personagens imaginárias, que realizam tudo aquilo que não ousa fazer. A personagem acrescentada pode ser um bebé (o sujeito faz recair fortes tendências regressivas), uma criança, um adulto, um duplo (personagem que se mantém próxima e está associada a tudo o que faz. Pode ou não se assemelhar ao sujeito quanto à idade, sexo e situação) ou até mesmo um animal, que pode indicar que a proibição sobre a tendência é particularmente forte.

Outro aspecto que se analisa é o das ligações e relações entre os personagens do desenho. Portanto, a *aproximação* de duas personagens indica-nos intimidade, desprezada ou desejada pelo sujeito. Se estão de mãos dadas, abraçados, ou se brincam juntos, o grau de intimidade é ainda mais visível. Quando existem várias personagens no desenho e duas delas estão mais próximas, significa que existe um *afastamento* dos elementos, este deverá ser interpretado. Se é o próprio sujeito que está representado afastado dos outros, indica que existe dificuldade em

estabelecer relações com os restantes familiares, seja por agressividade direcionada à família ou por exclusão.

Quando é o casal parental colocado à distância do próprio, pode-se supor a existência de um relacionamento difícil, tanto com o progenitor do mesmo sexo, por agressividade, como com o progenitor do sexo oposto, por temer uma aproximação mais íntima, que pode evidenciar culpabilidade.

Em certos casos as crianças representam os progenitores abraçados, quer essa união seja real ou retrate uma recusa por parte do sujeito, se os pais já não estiverem juntos. Quando os pais são separados, essa separação poderá corresponder à realidade, mas na maioria das vezes, corresponde ao desejo de separar o casal, frequentemente indica ciúme edípico.

No que se refere às identificações, existem diversos níveis, do inconsciente ao consciente. O sujeito a nível consciente poderá não conseguir exprimir, pois o Superego pode intervir impedindo a denúncia da identificação secretamente desejada. A nível consciente existem três tipos de identificação, sendo eles: *identificação de realidade*, quando o sujeito se representa a si mesmo, na sua verdadeira condição de idade, sexo e declara ser “Eu”; *identificação de desejo ou de tentação*, o sujeito projecta-se na ou nas personagens que mais satisfaçam as suas tendências confessáveis (Exemplo: será o pai para poder mandar; a mãe para ter crianças, o irmão mais velho para ser independente, o bebé para ser mimado – *identificação do outro*); *identificação de defesa*, geralmente refere-se ao impulso que simboliza o Superego (*identificação do Superego*).

Existem identificações mais profundas que pertencem às tendências recalcadas, sendo objecto de conflitos e susceptíveis de poderosas defesas.

É conveniente comparar a identificação consciente com a inconsciente, visto que essa comparação poderá esclarecer a dinâmica conflitual da personalidade. A primeira expressa algo das defesas do Ego, enquanto que a segunda está relacionada com os impulsos do Id reprimidos.

A análise do desenho considera ainda o tipo de família representada, apesar da instrução dada (“desenha uma família, uma família que imagines”).

Quando o sujeito se submete à objectividade do real e representa a sua família, o teste continua a ser válido, pois oferece uma gama preciosa de informações. O facto de ter transformado a ordem liberal numa estrita obediência à realidade, indica uma dominância do princípio da realidade sobre o princípio do prazer. O problema será saber se essa dominância é sinal de uma boa adaptação ao real ou não. Na maioria dos casos, quando se tratam de

crianças pequenas, deve se considerar como sinal de inibição da espontaneidade, de uma interdição sobre a livre expressão das tendências. Geralmente, revela o desenvolvimento de intensas formações reacionais, pode sugerir a presença de um conflito neurótico.

Quando a família representada é imaginária (as personagens representadas não possuem nenhuma realidade objectiva, são apenas a projecção das tendências próprias do sujeito), a subjectividade predomina. Deverá se considerar que os membros da família imaginária não têm uma existência real, mas são vistos como representação das tendências afectivas do sujeito, em razão das funções da sua personalidade.

Procedimento

Para a elaboração do estudo contactamos uma equipa de rugby do escalão sub 14 e um ATL, um projecto de intervenção comunitário que tem como objectivo dar resposta a problemas de integração das crianças e adolescentes. Ambas as entidades foram contactadas pessoalmente.

Os sujeitos foram escolhidos por conveniência tendo em consideração variáveis como a idade (13/14), o sexo (masculino) e os anos de escolaridade (7º, 8º e 9º).

Os pais dos sujeitos foram contactados por carta, na qual se encontra o problema do estudo e um pedido para a participação dos seus filhos. Também é mencionado por questões éticas, o anonimato e a ressalva de que os dados são apenas utilizados para finalidades da investigação.

Foi pedido aos sujeitos que se disponibilizassem para participar no estudo, tendo sido explicado a necessidade e importância da sua participação.

Primeiro aplicou-se o Teste do Desenho da Família numa sala tranquila e com boa iluminação, num clima empático, onde apenas se encontravam as pessoas envolvidas no estudo, com o objectivo de preservar a privacidade. O modo de aplicação foi idêntico ao utilizado por Corman (1967), foi entregue a cada pré-adolescente uma folha A4 na posição horizontal e um lápis de carvão. Sendo dada a seguinte instrução “Desenha uma família, uma família que imagines”.

À medida que a prova decorria foram registados o local da folha onde iniciou o desenho, a primeira personagem a ser desenhada, a ordem pela qual os elementos da família foram desenhados, o cuidado dispensado a cada personagem, os detalhes, o retornar a uma personagem já desenhada, os elementos que provocaram inibições/paragens e as solicitações e/ou comentários realizados.

Após a finalização do teste, procedeu-se a uma entrevista com o objectivo de perceber a realidade familiar do sujeito, com os dados sociodemográficos.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Deverá ter-se em conta que o traço dos desenhos originais, é mais forte do que os desenhos em anexo, devido à digitalização.

Análise do Grupo de Famílias Tradicionais (Grupo A)

Sujeito 1A

A família representada pelo sujeito 1A (Anexo pág. 58) é a família imaginária, portanto o pré-adolescente baseia-se no princípio do prazer. O desenho vai no sentido progressivo natural, contudo a hierarquia dos irmãos não é feita pela ordem de idades, o irmão mais novo é desenhado no primeiro lugar da fratria, o que indica que considera-se como o mais importante. A família situa-se na parte inferior da folha, parece indicar um maior contacto com a realidade, está ligado ao que é sólido, firme, ao concreto.

As figuras têm um tamanho muito grande ocupam a maioria da folha, não se consegue adaptar à folha, como se nada pudesse ficar vazio, o espaço tem de estar todo preenchido, indica também um tendência megalomaniaca. O traço é bastante forte na parte superior das figuras, vai se tornando mais fraco na parte inferior, vai surgindo alguma inibição

A figura valorizada é o pai, pois é desenhado em primeiro lugar, e também pela presença de alguns detalhes como a barba, as sobrancelhas e os atacadores nos sapatos. Identifica-se muito com o pai “O pai porque significa que tenho uma família que gosta de mim, um dia também vou crescer e quero ter uma família minha”.

A mãe e a irmã também são vistas de forma positiva, a mãe como a mais simpática “é a mãe porque é amor maternal”, demonstra o amor incondicional que sente pela mãe, e a filha como a melhor “é a rapariga, porque está numa idade contente”, está numa idade que ainda não tem preocupações e talvez receba mais amor da mãe, está numa idade em que existem menos conflitos.

A figura desvalorizada e para qual a sua agressividade é dirigida é o irmão mais velho “É o irmão mais velho, porque é o mais mandão; O irmão mais velho, porque se chateia mais; Secalhar o irmão mais velho, porque está mais tempo com os amigos”, esta agressividade parece demonstrar que o pré-adolescente gostaria de estar no lugar do irmão, pois este tem o poder, a autoridade que ele não tem. Parece que vê o irmão como uma figura de autoridade,

talvez como uma figura paterna, o que parece indicar que a figura de autoridade não está claramente definida. A agressividade está direcionada para o irmão mais velho em vez de para o pai, pois contrariamente geraria muito culpa. Esta desvalorização também pode estar relacionada com a alteração sofrida na relação com o irmão, pois ocorreram muitas mudanças, este passou a ter mais liberdade, os seus interesses começaram a alterar-se, fazendo com que o pré-adolescente experimente uma sensação de perda (Cervený, 2006).

Está presente uma culpabilidade pois não consegue dizer quem é o pior e o mais infeliz. Ao nível consciente identifica-se com o irmão mais novo, porque também é o mais novo, no entanto parece ser uma identificação regressiva, visto que no desenho tem 9 anos. Apesar de no final do questionário afirmar que “acrescentava um animal de estimação e mais dois irmãos rapazes”, podemos pensar que não colocou os dois irmãos porque não tinha espaço para colocá-los, mas também podemos pensar que os suprimiu por ter algum conflito com estes. Pode também ter surgido o sentimento de culpa por os ter eliminado, então no final para aliviar esse sentimento disse que os acrescentava.

Sujeito 2A

O sujeito 2A (Anexo pág.61) representa uma família imaginária, prevalece o princípio do prazer sobre o princípio da realidade. A progressão do desenho é mista, portanto a regressão e progressão estão presentes. Verifica-se novamente uma tendência regressiva devido à localização do desenho no lado esquerdo da folha, às idades dos irmãos e o desejo de desenhar um bebé.

Toda a família não tem os olhos preenchidos, o que declara um vazio emocional. O filho parece ser, tanto o mais valorizado, como o mais desvalorizado, pois por um lado situa-se em primeiro lugar e pelo adereço, o cinto, mas por outro é visto de forma negativa “O irmão porque é o mais mal-humorado, mais zangão, mais reguila”, há uma ambivalência, uma clivagem.

A agressividade é dirigida contra a irmã “Talvez a irmã porque é muito pedinte, pede tudo, um pouco mimada de mais” e também está presente um movimento regressivo “A irmã porque gosta de brincar, porque está na idade de fazer as coisas que gosta”, gostava de ocupar o seu lugar de ser mais novo, ser criança de não crescer, pois crescer. Está presente uma ambivalência relativamente ao crescer.

Vê os dois pais de forma positiva, por diferentes qualidades “A mãe porque dá-se melhor com as pessoas e compreende; O pai porque ajuda muito os filhos, às vezes dá mais liberdade do que a mãe”.

Identifica-se ao nível real com o irmão que é visto de forma negativa, mas tal como o pré-adolescente está a crescer e começa a aperceber-se melhor de tudo. Quanto à identificação de desejo, este identifica-se com o pai, pois vê como um modelo a seguir, um dia também quer ser pai, ter uma família.

Sujeito 3A

O sujeito 3A (Anexo pág.64) representa uma família imaginária, rege-se segundo o princípio do prazer. As figuras desenhadas são muito pequenas, pode estar associado a uma proibição movimento de expansão vital sobre o meio ambiente.

O desenho na parte de cima da folha representa o mundo das ideias, da fantasia, quanto mais acima se encontrarem maior a probabilidade de os sujeitos fugirem da realidade, procurando a satisfação na fantasia, expansão imaginativa. Parece existir uma tendência regressiva pois é desenhado no lado esquerdo da folha.

A mãe comparativamente com o pai está um pouco mais pequena o que pode ser um indício de desvalorização. Contudo, no inquérito verifica-se precisamente o contrário, a mãe é sentida como a preferida e a mais feliz, enquanto o pai é visto de forma negativa (mais infeliz, pior, o que fica em casa), por questões laborais.

O rapaz com o qual se identifica é desenhado em último lugar, o que pode indicar uma desvalorização de si próprio, a valorização da irmã parece ainda mais reforçar esta ideia (a mais simpática e a melhor). Está presente uma inveja em relação à irmã. Apesar de desenhar o rapaz em último lugar, este também está no centro, tal como a irmã que é vista como perfeita.

Identifica-se com o filho de 10 anos, indicador de uma tendência regressiva, relativamente à identificação de desejo, identifica-se com o pai, é visto de forma negativa por questões laborais, por falta de tempo para a família, por isso gostava de ser o pai com “menos trabalho”, mas não é por isso que não se deixa de identificar a este.

Desenha o filho igual ao pai e a filha igual à mãe, o que demonstra que as identificações estão bem definidas, o filho identifica-se com o pai e a filha com a mãe.

Sujeito 4A

O sujeito 4A (Anexo pág.67) representa a sua família, baseia-se no princípio da realidade. O desenho é um pouco infantil para a sua idade, parece indicar uma tendência regressiva, alguma infantilidade. Contudo é realizado da esquerda para a direita, num movimento é progressivo. Tal como no desenho anterior, o filho é igual ao pai e a filha é igual à mãe, aqui as identificações também estão muito bem definidas. O desenho localiza-se no centro, esta zona está relacionado com os afectos e a sensibilidade. Também pode corresponder ao indício de uma vivência de proibição da expansão vital sobre o meio ambiente, relacionado com um conflito entre o Eu e o Super-Eu. As figuras são pequenas, o que pode estar associado a uma insuficiente auto-imagem, timidez, a sentimentos de inferioridade.

Há uma ambivalência em relação ao pai, pois foi o primeiro a ser desenhado o que parece indicar uma valorização, mas no inquérito é desvalorizado “O pai porque às vezes grita muito”. Portanto está presente um conflito em relação ao pai. Também está presente uma desvalorização da irmã é vista como a pior “porque está sempre a embirrar” e como a que faz asneiras.

Está presente uma valorização se si próprio, mas é o único que não tem nariz, parece existir uma ambivalência. A mãe também é vista de forma positiva, é considerada a preferida.

Identifica-se consigo próprio, quanto à identificação de desejo, identifica-se com o pai, “porque é o outro rapaz”, apesar de o pai ser desvalorizado é a única figura masculina com a qual se pode identificar.

Sujeito 5A

O sujeito 5A (Anexo pág.70) representa uma família imaginária, os desejos inconscientes prevalecem, rege-se pelo princípio do prazer. A irmã é desenhada em primeiro lugar, o que indica ser a figura mais valorizada, sentida como a mais importante. Contudo, não tem os olhos preenchidos há um vazio emocional, talvez por sentir que esta irmã é mais valorizada do que ele. Portanto, esta irmã parece ser invejada e ser a principal motivadora das tensões emocionais do sujeito. Suprime o irmão o que também indica uma rivalidade com este, logo está presente uma forte rivalidade fraterna.

Está inerente uma culpabilidade, que não o permite identificar qual o menos simpático, o infeliz e o pior e também não consegue escolher o preferido.

Identifica-se com o irmão de 7 anos, é uma representação regressiva, este também não tem os olhos preenchidos, o que indica um vazio emocional. Apesar de ver a irmã como a mais importante, o irmão de 7 anos (ele próprio) também é valorizado.

Por a irmã ser considerada tão importante, a identificação de desejo recaí sobre esta, mas a justificação é porque tinha mais anos para viver, indicador de uma angústia de morte. Gostava de ocupar o lugar da irmã. No final do inquérito diz que acrescentava o irmão para minimizar a angústia de não o ter representado.

Sujeito 6A

A família desenhada pelo sujeito 6A (Anexo pág.73) é imaginária, há uma tendência regressiva pois os filhos são muito mais novos comparativamente à sua família real. A orientação do desenho é realizada da esquerda para a direita, no movimento progressivo natural.

Está presente uma alteração na hierarquia, coloca o irmão na posição de primogénito, portanto há um desejo de ocupar o lugar da irmã, está presente uma rivalidade fraterna. Há uma clara desvalorização da irmã, pois é representada em último lugar e não tem mãos. Dirige toda a sua agressividade contra esta irmã, é vista como má filha “filha porque está sempre a pedir coisas aos pais e os pais nunca deixam porque ela é rapariga, filha porque tem más notas e nunca quer estudar”.

Há um certo afastamento entre os pais, o que pode indicar uma relação conflituosa entre os progenitores. Os olhos do pai não estão preenchidos o que indica um vazio emocional. O filho é o mais valorizado, visto como bom filho, com o qual se identifica, mas é uma identificação regressiva, pois é representado numa idade mais nova, na qual não se sentia atormentado pelo complexo de Édipo. Demonstra que não quer crescer, gostava de ser “uma criança feliz e inocente”. Quanto à identificação de desejo, identifica-se com o pai “o pai porque também quero ter uma família, ter filhos”.

Sujeito 7A

O sujeito 7A (Anexo pág.76) representa a sua família, predomina o princípio da realidade. Está presente um movimento regressivo, pois desenhou da direita para a esquerda, e ainda com as personagens a decrescer levemente o irmão é o que está mais abaixo.

A agressividade é dirigida contra o irmão, desenhou-o sem boca, o reflecte algum tipo de perturbação nas relações interpessoais, mas no final disse que desenhava uma boca triste, desvalorização do irmão visto como mau filho (considerado o menos simpático e o pior) “não gosta de estar com a família”. Omite a irmã, pois a sua existência causa-lhe ciúmes uma sensação de angústia, a forma mais fácil de gerir esta angústia é negar a sua existência.

Por ter desenhado o pai em primeiro lugar parecia que este seria o mais valorizado, mas no inquérito não se verificou, este é considerado o mais infeliz porque trabalha muito e por isso não tem tanto tempo para passar com a família, é visto de uma forma um pouco negativa “é um bocado resmungão”, daí talvez a razão de o pré-adolescente não se identificar ao pai.

Identifica-se com a mãe, pois é a que está mais próxima, tendo um papel de maior suporte. Quanto à identificação de desejo, identifica-se com o rapaz de 14 anos, visto como bom filho.

Análise do Grupo de Famílias que experienciaram o divórcio (Grupo B)

Sujeito 1 B

A família desenhada pelo sujeito 1B (Anexo pág.80) é uma família imaginária, pois desenha os pais juntos, de mãos dadas, sendo que na realidade estão separados. Demonstra o desejo de juntar os pais. Desenha ainda dois irmãos, apenas tem uma irmã, que ainda vai nascer. Este rege-se pelo princípio do prazer, o desenho é uma projecção do seu desejo, das suas tendências afectivas.

Apesar do desenho ir no movimento progressivo, tem muitos elementos regressivos presentes: a forma como as figuras foram representadas é um pouco infantil; a localização no centro e um pouco para a esquerda indica também uma tendência regressiva; o filho primogénito tem 10 anos, o preferido o que ele é na realidade, é mais novo.

O traço é leve o que mostra uma inibição por parte do pré-adolescente. O desenho é misto, isto é, sensorial e racional, por um lado as figuras são desenhadas com linhas curvas, mas por outro existe uma reprodução mais estereotipada e rítmica das personagens.

A família é bastante idealizada, parece que estão todos a flutuar, no inquérito também se verifica, pois é a família perfeita em que “estão todos felizes”, constituída por uma mãe perfeita “mãe que faz todas as tarefas domésticas e é simpática com todos” e ainda pelo filho

primogénito perfeito “O primeiro irmão porque ajuda os outros irmãos e não arranja chatices aos pais”.

O único elemento da família que é visto de forma negativa é o bebé, a agressividade está direcionada para este. A forma como foi desenhado poderá ser um indicador de desvalorização, pois parece um cão, mas também poderá estar relacionado com as capacidades artísticas do pré-adolescente. No inquérito constata-se que é o mau filho “O bebé partiu uma jarra da mãe”; “O bebé porque é muito refilão”; “É o bebé porque chora muito”, a agressividade é depositada no bebé. Todavia existe uma ambivalência em relação a este, afirma que o mais feliz “É o primeiro irmão porque vai ter um bebé para brincar”. Portanto, por um lado este bebé é ameaçador, mas por outro existe um desejo de ter um irmão e não uma irmã, tal como na realidade.

A irmã pode ser um duplo, porque desejaria ser menina para a mãe “Ihe ensinar muitas coisas”, ter uma mãe que não teve, diferente da sua pois a mãe desta irmã será a madrastra, o que pode indicar uma identificação inconsciente em relação à irmã ou ainda porque vai ter uma irmã na realidade.

As figuras parentais são muito semelhantes, estão distantes, mas unem-se pelas mãos. Contudo, o pai não tem os olhos preenchidos o que indica um vazio interno, mas é a personagem mais valorizada por ser desenhada em primeiro lugar e com a qual se identifica (*identificação de desejo*), pois gostava de ser “o pai porque tinha uma família grande e feliz”. Corroborar o que foi mencionado precedentemente, nesta fase do desenvolvimento existe uma aproximação do pai. Esta identificação ao pai também pode ser uma forma de negar a sua componente feminina, disfarçar a sua fraqueza e a sua passividade. A forte idealização e a tendência regressiva demonstram que este pré-adolescente está mais direcionado, para a idealização do casal parental.

Sujeito 2B

A família representada pelo sujeito 2B (Anexo pág.83) é a família real, logo o sujeito baseia-se no princípio da realidade. Porém está presente uma idealização dos pais, pois no desenho estão de mãos dadas, sendo que na realidade estão separados. Existe um desejo por parte deste pré-adolescente dos pais estarem juntos, ainda não conseguiu aceitar a separação. No desenho o rapaz está a olhar para o casal com um ar feliz, de satisfação de os pais estarem juntos. No inquérito afirma que é o mais infeliz porque “os pais estão separados”, daí a necessidade de idealização, de juntar os pais. Há uma oscilação entre a realidade e a

idealização “Seria eu porque a minha mãe e o meu pai querem estar juntos. Não... O pai porque gosta de estar no computador”, anula porque se sente culpado.

Está presente uma tendência regressiva, pois a progressão do desenho é realizada da direita para a esquerda. O traço do desenho é forte o que indica audácia e alguma violência, verifica-se ainda uma rigidez do traço.

Tal como no sujeito anterior, os pais estão de mãos dadas, mas estão um pouco separados. Desenha-se a si próprio sem preencher os olhos o que pode indicar um vazio interno, provavelmente relacionado com a separação dos pais, pelo sofrimento inerente a esta.

Estão presentes duas representações de si, uma consciente e outra inconsciente, uma real (ele próprio), e uma representação mais regressiva, o cão. Gostava de ser “o cão porque está sempre solto e a passear na quinta do meu avô ”; “O cão porque está solto, tratam bem dele e tem uma vida gira”. Há uma grande necessidade de se libertar, mas não o consegue fazer. Devido à ausência do pai, o avô deverá ter o papel de substituto parental, parece demonstrar que ao lado deste se sente seguro e que por isso pode ser livre.

A mãe é vista de forma positiva, “A minha mãe porque normalmente estou sempre com a minha mãe e faço mais coisas com ela”; “A minha mãe porque estou a viver com ela”; “A minha mãe porque está em Portugal”, há claramente uma preferência por quem está por perto, por quem não o abandonou.

Apesar de estar desiludido e zangado com o pai, não consegue exteriorizar essa zanga, apenas menciona algumas vezes que o pai está longe. Esta exteriorização iria causar-lhe alguma ansiedade e culpa daí que não consiga mencionar no inquérito qual o menos simpático e o pior.

Ao nível real identifica-se consigo próprio, sendo que ao nível do desejo, inconsciente identifica-se com o cão (uma parte de si projectada). A identificação a si mesmo pela justificação do inquérito “ Seria o miúdo porque tem mais tempo para viver”, parece estar relacionada com uma angústia de morte, também pode indicar auto-valorização e egocentrismo. Esta angústia surgiu devido ao seu cão ter estado quase a morrer, experienciou que nada é eterno.

Quanto à identificação ao cão, esta parece estar relacionada com uma sensação de carência afectiva, mas ao mesmo tempo também demonstra alguma agressividade, pois o cão parece estar como um defensor, agressividade direccionada para o exterior.

Sujeito 3B

O sujeito 3B (Anexo pág.86) representa uma família imaginária, rege-se pelo princípio do prazer, desenha os pais juntos, na realidade estão separados. Neste desenho, a proximidade dos pais ainda é bastante maior, do que nos anteriores. Apesar de os representar juntos, verifica-se uma clivagem, a mãe vista como boa “A mãe porque é mais atenciosa com o filho; a mãe é mais divertida” e o pai visto como mau “o pai não se preocupa tanto; O pai porque não liga tanto ao filho, já não liga tanto á mãe como antes”. Há uma agressividade inconsciente dirigida para o pai “o filho atropelou uma pessoa”.

Há um movimento progressivo, o traço é forte e a família é desenhada no centro, mas levemente para a esquerda o que pode indicar uma tendência regressiva. Apesar do pai ser desenhado em primeiro lugar, o que poderia indicar ser a figura mais valorizada, é visto de forma negativa tanto como mau pai, como mau marido. O significado da palavra da marca da t-shirt “GAP” parece ir de encontro a esta tendência, pois significa falha, lacuna. Parece que este pai é uma figura demitida pouco presente, não se identifica com este.

Está presente uma identificação projectiva na mãe, e uma idealização do filho, “o filho porque é o mais simpático e porque é o que secalhar ajuda mais; O filho porque é o mais simpático, ajuda mais as pessoas, como é o mais novo é mais fácil dizer as coisas”. Esta última afirmação parece indicar falta de comunicação entre os elementos da família, o filho é o único que fala.

A idade 33 anos atribuída ao filho é muito superior à sua. Está presente uma ambivalência, pois por um lado quer ser mais velho, mas por outro quer ser mais novo e continuar a ajudar a mãe. Uma atitude paradoxal, quer crescer e ser livre, mas por outro lado não quer crescer, quer ajudar a mãe (atitude de culpa), pois o pai não a ajuda e esta sente-se sozinha, fica desamparada. A identificação com o filho mais velho pode ser um indicador de querer autonomizar-se. Quanto à “*identificação de desejo*”, identifica-se com a mãe, pois não gostava de ser como o pai.

Há uma supressão do irmão, negação da realidade que produz angústia, pode indicar um desejo inconsciente da sua “eliminação”. Esta supressão pode estar ligada a sentimentos de inveja, raiva ou agressividade dirigidas para o irmão. É de salientar que frequentemente estão presentes sentimentos ambivalentes de amor e ódio.

Sujeito 4B

O sujeito 4B (Anexo pág.89) desenha uma família imaginária, o que indica uma prevalência da subjectividade. Verifica-se um desejo de manter os pais juntos, pois apesar de não estarem de mãos dadas, estão lado a lado, o que dá a ideia de que estão juntos, sendo que na realidade estão separados.

Existem alguns movimentos regressivos presentes no desenho, a progressão é realizada da esquerda para a direita, um dos filhos representados é bastante mais novo.

O desenho localiza-se no centro, mas ligeiramente na parte de baixo da folha. O traço é muito rígido, portanto o desenho é do tipo racional, em que as linhas rectas predominam sobre as curvas. Não parecem pessoas, parecem autómatos, parece que estão todos com um ar zangado, devido à forma como a boca foi desenhada, não parece ser uma família feliz.

O filho por ser desenhado em primeiro lugar dá a ideia de ser o mais valorizado. Contudo, no inquérito verifica-se precisamente o contrário, pois é considerado o menos simpático, o pior, o que faz asneiras, portanto é visto como mau filho “É o filho porque faz asneiras; É o filho, porque os outros são melhores do que ele, então é o pior”. Os restantes membros da família são vistos de forma positiva, a mãe é considerada a mais simpática porque “é a mais liberal”; a filha é vista como a “mais feliz”; o pai é visto como a pessoa trabalhadora e sacrificadora.

Está claramente presente um sentimento de culpa, que se reflecte no desinvestimento de si próprio, pois todos os membros da família são melhores que o filho.

Há uma identificação consciente com o pai, o que vem novamente refutar, este movimento de aproximação característico desta fase do desenvolvimento. Quanto à *identificação de desejo*, há uma ausência desta, justificando que os restantes membros da família têm características com as quais não se identifica. O que dá a entender que não se representou no desenho, talvez haja um desejo inconsciente de ser a irmã. Esta ausência de representação de si próprio indica uma auto-desvalorização, uma reacção depressiva.

Sujeito 5B

A família representada pelo sujeito 5B (Anexo pág.92) é uma família imaginária, em que apenas estão representados os pais, que estão a ir juntos para uma festa, há um desejo de juntá-los novamente. Daí desenhá-los no lado esquerdo da folha, que remete para o passado, no qual os pais estavam juntos, daí o desejo de retomar esse passado.

O traço é leve o que indica uma inibição e uma tendência depressiva. É um desenho bastante infantil para um pré-adolescente de 13 anos, é pouco investido. Há um vazio emocional relativamente a ambas as figuras parentais, devido aos olhos não estarem preenchidos. Ambos não têm mãos, estas são órgãos de contacto, o que indica uma dificuldade de contacto, ao nível afectivo, esta supressão pode estar relacionada com sentimentos de culpabilidade.

O pai é claramente a figura mais valorizada, pois foi desenhado em primeiro lugar e pelos adereços que tem. É com quem o pré-adolescente se identifica, é visto como um bom pai, há uma forte idealização “o pai porque está sempre a contar anedotas; o pai está sempre contente; É o pai porque não é chato; O pai porque é honesto está sempre muito feliz”, dado nunca ter tido muito contacto com este na vida real. Neste caso, a idealização da figura paterna indica uma carência relativamente a esta figura, idealiza e valoriza o que deseja, mas que na realidade não possui. Mas também necessita de idealizar, para se identificar.

Já a mãe é vista de forma negativa “a mãe está aborrecida; a mãe só chateia”, como má mãe, como uma mãe deprimida, sem vontade de viver “a mãe queria se matar”, apesar de ser a figura que está presente, é uma mãe perturbada.

A desvalorização pode indicar que a agressividade em relação ao pai foi transferida, projectada para a mãe, mas também pode ser dirigida à mãe por ser um pouco demitida do seu papel, por estar deprimida, não está disponível emocionalmente devido a um aborto espontâneo. Está presente uma clivagem, o pai é visto como bom, a mãe é vista como má, apesar desta clivagem, não prefere o que é visto como bom como era o esperado, diz que não prefere nenhum, porque não quer ser um extremo, “Nenhum porque um é o pior e outro é o melhor, eu gostava de ser normal”.

Está patente uma auto-desvalorização pois não se representa, indicadora de uma reacção depressiva, também não desenha nenhum dos irmãos. No final quando é perguntado se faria o desenho igual diz que “acrescentava um filho”, que talvez pudesse ser ele.

Sujeito 6B

O sujeito 6B (Anexo pág. 95) representa a família real, o que indica uma dominância do princípio da realidade, contudo esta parece reflectir uma má adaptação relativamente à separação dos pais. O traço é excessivamente leve, segundo Corman (2003) é indicador de timidez e de incapacidade de se afirmar, revela também uma grande inibição. Relativamente há progressão do desenho há um desenvolvimento misto, pois o sujeito começa a desenhar da esquerda para a direita, mas depois desenhada inversamente, portanto existem tendências progressivas e tendências regressivas.

A família é desenhada no centro da página, esta zona está relacionada com os afectos e com a sensibilidade, indica segurança. O desenho é bastante adequado para a sua idade, as figuras têm um tamanho normal, adapta-se bem à folha.

O pai é desenhado em penúltimo lugar, contudo identifica-se com este “Gostava de ser o pai porque trabalha em vez de ficar em casa, porque ajuda os outros”.

A mãe é bastante idealizada, talvez por estar longe, há cerca de dois anos “É a minha mãe porque faz muitas coisas, faz coisas que o meu pai não faz, ir passear connosco, o meu pai também é simpático, mas não tem muito tempo”.

O irmão mais novo é desenhado em primeiro lugar e no centro, o que indica uma valorização deste. Está presente uma desvalorização da irmã não tem mãos, nem pés, foi desenhada em último lugar, é a que faz asneiras. Esta desvalorização pode estar relacionada com inveja, com o facto de querer ocupar o lugar da irmã, pois esta foi para a Guiné com a mãe. O surgimento da culpabilidade não permite que diga qual é o mais infeliz e o pior, nem qual o preferido. O sujeito assume um papel parental em relação aos irmãos.

Sujeito 7B

A família desenhada pelo sujeito 7B (Anexo pág.98) é uma família imaginária, o princípio do prazer prevalece sobre o princípio da realidade.

Há uma clivagem em relação ao pai, pois por um lado está presente uma forte idealização, que está relacionada com o facto do pré-adolescente nunca o ter conhecido. Parece indicar que o sentimento de perda de uma figura conduz à sua idealização. Está relacionada com uma falta maior, sentida pelo rapaz relativamente à figura paterna, pela necessidade de modelo masculino (Kelly & Emery, 2003, cit. Hack & Ramires, 2010). Contudo, o pai também é visto de forma negativa “É o pai porque é mau para os filhos, porque a mulher dele morreu”. Parece um sultão, que corresponde a uma figura de força, de

autoridade, de domínio, pela sua expressão parece estar zangado, está muito rígido. A idealização do pai e a recusa da mãe, revela o desejo de ter um pai, algo natural nesta faixa etária (13 anos), necessita de identificar-se a uma figura masculina.

O desenho é do tipo racional e as personagens estão muito distantes umas das outras, esta distância parece estar relacionada com uma distância ao nível emocional. O traço é forte o que indica alguma agressividade.

Não representa a mãe, demonstra que tem uma relação conflitual com esta, de uma forma inconsciente deseja a sua eliminação. É de salientar que nestas situações estão presentes na maioria das vezes sentimentos ambivalentes de amor e ódio. Apesar de a mãe não estar representada, algumas das suas características podem estar projectadas no pai. A agressividade é direccionada para a mãe, também omite uma irmã e dois irmãos. Como se nesta fase do desenvolvimento fosse mais importante ter um pai do que uma mãe.

O desenho é muito regressivo, pois está localizado na parte esquerda da folha, a forma como as figuras foram desenhadas é muito infantil, as idades também são muito regressivas, identifica-se com o rapaz de 3 anos. O que indica que gostava de ser criança, de não crescer.

Comparação entre Grupos

Em ambos os grupos de pré-adolescentes verifica-se uma supremacia do tipo de família imaginária, em que domina a subjectividade, portanto o princípio do prazer prevalece sobre o princípio da realidade. Neste caso as representações imaginárias exprimem as tendências afectivas.

Relativamente ao nível gráfico, ambos os grupos apresentam uma amplitude do desenho normal, o que parece indicar uma boa adaptação. Quanto ao traço, ambos os grupos apresentam um traço forte, indicador de alguma agressividade, medo e insegurança. No entanto, em alguns desenhos o traço é leve o que indica uma inibição.

Tanto no grupo A como no grupo B a orientação do desenho é realizada da esquerda para a direita, o que revela um movimento progressivo natural. Contudo, existem sujeitos em que se verifica a orientação contrária (direita para a esquerda), representante de um movimento regressivo. Também existem pré-adolescentes com uma orientação mista, isto é, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, o que revela que o sujeito faz um movimento progressivo normal, mas em seguida regride.

Relativamente à localização, no grupo de controlo a maioria dos pré-adolescentes desenhou a família na zona inferior, segundo Corman (2003) esta corresponde aos instintos

primordiais de conservação da vida. É uma zona que está ligada ao concreto, ao que é firme, sólido, parece revelar um maior contacto com a realidade e algum equilíbrio, corresponde a sujeitos mais maduros. Já no grupo experimental a maioria dos desenhos situa-se no centro, esta é a zona do coração dos afectos e da sensibilidade, indica segurança. Em ambos os grupos, alguns pré-adolescentes desenharam no lado esquerdo da folha o que indica uma regressão, é uma zona do passado pertencente a indivíduos que estão mais voltados para a infância.

Esta tendência para a regressão corrobora a ideia defendida por diversos autores de que para o pré-adolescente se desligar das imagos parentais infantis é fundamental ocorrer um retrocesso a fases anteriores do desenvolvimento.

Nesta fase do desenvolvimento há um ressurgimento do complexo edipiano, portanto seria esperado que os pré-adolescentes não desenhassem os pais muito juntos, estaria presente um desejo interno de separá-los. Contudo, para os pré-adolescentes do grupo B, esta tendência edipiana não está presente, pois a maioria desenha os pais juntos de mãos dadas, já os pré-adolescentes do grupo A desenharam os pais juntos, mas a maioria não estão de mãos dadas, pois não necessitam de idealizarem o casal parental.

Em ambos os grupos está presente a agressividade, no grupo A esta é na maioria direccionada para os irmãos, no grupo B já é mais diversificada, pois em alguns sujeitos é direccionada para o pai, noutros para a mãe e noutros para os irmãos.

No que diz respeito ao nível das estruturas formais, o tipo racional predomina sobre o tipo sensorial, o que indica que parte da espontaneidade foi inibida, formalizou uma certa rigidez, que se verifica através da reprodução estereotipada e rítmica das personagens pouco móveis (Corman, 2003).

Quanto ao nível do conteúdo, mais especificamente relativamente às defesas do ego contra a angústia, no grupo de controlo verifica-se um predomínio da angústia proveniente do interior, pois na maioria dos desenhos verifica-se uma negação do irmão. No grupo experimental a angústia provém do exterior e do interior, pois por um lado a maioria dos sujeitos desenharam os pais juntos, estando na realidade separados, por outro tal como no grupo de controlo também está presente a supressão do irmão. Em ambos os grupos há uma ambivalência relacional com os irmãos, alternância entre sentimentos de amizade e sentimentos de ciúme e inveja.

Nos dois grupos as tendências afectivas positivas, na sua maioria, estão associadas ao pai, é a figura desenhada em primeiro lugar e a mais valorizada, é percebido como o elemento

mais importante da família. O que vai ao encontro do referido anteriormente, nesta fase do desenvolvimento o pai tem um papel fundamental, existe uma aproximação para com este e um afastamento da mãe, pois esta é vista como ameaçadora, daí que a maioria veja o pai como uma figura de identificação. Contudo, a mãe é vista de forma positiva, como mais simpática, mais compreensiva, mais presente, o que demonstra a existência de uma proximidade com esta. Talvez esta situação aconteça, porque os pais estão mais ausentes que as mães devido a questões laborais e por vezes não conseguem investir da mesma forma no relacionamento que têm com os filhos, mas mesmo assim os filhos identificam-se com estes.

No que diz respeito às personagens desvalorizadas, tanto no grupo de controlo como no experimental verifica-se uma desvalorização dos irmãos, na maioria das vezes traduzida pela escotomização. A supressão de algum elemento da família corresponde a um mecanismo de defesa que consiste em negar uma realidade que produz angústia, frequentemente há a coexistência de amor e ódio, o que se verifica muitas das vezes entre os irmãos, pois por um lado existem um lado empático por outro existe uma relação de competição, de rivalidade (Corman, 2003). Segundo Corman (2003) a ausência do membro da família é também uma personagem com a qual não pode e não se quer identificar.

No que se refere às personagens acrescidas estão presentes apenas no grupo de pré-adolescentes pertencentes a famílias de pais separados, mas não têm muita relevância.

Nos laços e nas relações à distância no grupo de controlo verifica-se ligeiramente um afastamento entre algumas personagens, enquanto que no grupo experimental estão presentes relações de aproximação, em especial entre os pais, o que vem enfatizar a necessidade de negação da realidade, de idealizar.

Quanto às identificações, ao nível consciente, isto é a *identificação de realidade* está presente em ambos os grupos, pois na maioria identificam-se consigo próprios, com o “filho” ou o “irmão”, que normalmente têm características semelhantes às suas.

Também está presente a *identificação de desejo ou de tentação*, no grupo de controlo essa identificação é na maioria com o pai, já no grupo experimental é um pouco mais diversificado é com o pai e a mãe. Como neste último grupo os pré-adolescentes vivem na sua maioria apenas com as mães pode ser uma justificação para existir

Após a análise dos resultados constatámos que existem diferenças relativamente à representação da família nos grupos em estudo. Os pré-adolescentes filhos de pais divorciados idealizam mais a família que os pré-adolescentes pertencentes a famílias tradicionais, portanto a hipótese colocada inicialmente confirma-se.

CONCLUSÃO

O enfoque do nosso estudo sobre a representação da família em pré-adolescentes pertencentes a famílias com pais divorciados permitiu-nos confirmar que existem diferenças a este nível. Estes comparativamente com os pré-adolescentes que fazem parte de “famílias tradicionais” idealizam mais a família, pois a realidade é muito penosa para ser enfrentada, o mecanismo mais fácil para suportá-la é recorrer à negação. Há uma recusa do divórcio dos pais, internamente há uma necessidade de mantê-los juntos, uma manifestação de desejo de uma família em que o pai e a mãe estão juntos como tinha ocorrido no passado. Acabam por investir no casal parental ideal, sem que surjam problemáticas edipianas típicas desta fase do desenvolvimento.

Os dois grupos apresentam um traço forte, parece de ir de encontro à emergência da pulsão agressiva nos rapazes neste período desenvolvimental (Blos, 1962).

Também está presente a regressão tanto no grupo A, como no grupo B, no entanto este mecanismo manifesta-se de formas diferenciadas. No grupo B a regressão tem como efeito voltar a ter a família junta, como na infância. Já no grupo A, a regressão está ligada à identificação com o irmão mais novo, isto é, de voltar a ter as prerrogativas do mais novo. Há uma ambivalência relativamente ao crescimento, uma oscilação entre mecanismos regressivos e progressivos característicos desta fase do desenvolvimento.

Em ambos grupos há uma maior identificação com a figura paterna, o que corrobora o que foi referido anteriormente. Na pré-adolescência o pai é visto de forma positiva (Blos, 1962), mesmo por vezes estando um pouco ausente, pois o pré-adolescente necessita de se identificar a este como forma de evitar a mãe arcaica.

Contudo, a figura materna também é vista de forma positiva, mas no grupo experimental, esta representação positiva da mãe está associada à culpa, isto é, a mãe é valorizada pois é vista de forma mais frágil, como não tem o apoio do pai, precisa do apoio do filho. Daí ser mais difícil, estes jovens entrarem em conflito com a mãe, e portanto tornar-se mais difícil a identificação ao pai. Não conseguem afastar-se facilmente da mãe, pois não têm uma figura que os ajude a distanciarem-se dela, estão ocupados a constituírem a família imaginária e não a se separarem desta. No grupo A, o conflito é mais expresso, estes têm uma maior capacidade de entrarem em conflito com as figuras parentais.

Tanto no grupo A como no grupo B, a valorização incidiu na sua maioria sobre as figuras parentais, o que indica segundo Wagner e Féres-Carneiro (2000) que os pais continuam a assumir a posição de poder tal como na fase anterior, o Período de Latência, especialmente pela dependência do pré-adolescentes face a estes e ainda pelas necessidades de idealização e identificação inerentes a esta fase do desenvolvimento. Também poderá ser porque segundo Vila-Real (2004) os rapazes permanecem muitos mais ligados às figuras parentais do que as raparigas.

Relativamente à desvalorização nos dois grupos, a personagem mais desvalorizada é o irmão, na maioria dos protocolos está presente uma rivalidade fraterna.

Este estudo apresenta algumas limitações, a amostra é reduzida o que não permite a generalização dos resultados. A amostra é pouco homogénea, pois no grupo de controlo a maioria dos sujeitos frequenta o ensino privado, sendo que apenas um frequenta o ensino público, enquanto no grupo experimental a distribuição já é mais homogénea.

A situação de divórcio também é um pouco homogénea, pois em apenas dois dos pré-adolescentes, os pais separaram-se recentemente, há cerca de 1/2 anos, nos restantes os pais divorciaram-se quando estes ainda eram crianças e em diferentes fases do desenvolvimento. Existem diferenças, pois quando o divórcio não é recente, pode estar presente a problemática da identificação e o conflito relacional com o pai que possui a guarda (Marcelli & Braconnier, 2004). Quando o divórcio ocorre durante a pré-adolescência, é uma situação complicada que pode acelerar, bloquear ou desviar o trabalho psíquico do jovem. Segundo Marcelli e Braconnier (2004) a separação interfere no movimento de desidealização parental, luto necessário das imagens parentais idealizadas, por vezes esta separação pode acelerar esse processo e facilitar a evolução para a independência e maturidade. Cohen (2002) constatou que perante o divórcio o pré-adolescente desenvolve uma autonomia prematura.

Outra limitação deste estudo está relacionada com o género, visto que participaram apenas elementos do sexo masculino. Daí talvez o resultados terem sido mais regressivos e existir uma maior idealização, pois diversos autores constataram que o impacto da separação parental é mais duradouro nos rapazes (Hetherington, Cox & Cox, 1978, cit. Hetherington, 1982), sendo que estes revelam uma conduta mais prolongada de desobediência e agressividade (Hetherington et al., cit. Hetherington, 1982).

Apesar destas limitações a pertinência do estudo é viável, pois reforça que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento do pré-adolescente.

Referências Bibliográficas

- Aberastury, A. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. São Paulo: Artes Médicas.
- Balancho, L. F. (2003). *Ser pai, hoje*. Lisboa: Presença.
- Berger, M. (1998). *A criança e o sofrimento da separação: Divórcio, adoção, colocação*. Lisboa: Climepsi.
- Bion, W. R. (1996). *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Blos, P. (1958). Preadolescent drive organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 6: 47-57.
- Blos, P. (1962). *On Adolescence: a psychoanalytic interpretation*. New York: Free Press.
- Blos, P. (1965). The initial stage of male Adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 20: 145-165
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22: 162-187.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Brazelton, T. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brazelton, T. (1989). *A relação mais precoce: os Pais, os Bebês e a Interação Precoce*. Lisboa: Terramar.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Desespero*. Lisboa: Climepsi.

- Canavarro, M. C., Homem, T. C. & Pereira, A. F. (2009). Factores protectores e de vulnerabilidade na adaptação emocional e académica dos filhos ao divórcio dos pais. *Psicologia*, XXIII (1): 7-25. Lisboa: Edições Colibri.
- Cervený, C. M. O. (2006). *Família e... aarrativas, género, parentalidade, irmãos, filhos no divórcio, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistémica, rede Social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cordeiro, J. D. (1988). *Adolescentes por dentro*. Lisboa: Ed Salamandra.
- Cordeiro, J. D. (1979). *Adolescente e a família*. Lisboa: Moraes, 1979.
- Corman, L. (2003). *O teste do desenho de família*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Tradução do original em Francês Le test du dessin da famille. Paris: PUF)
- Costa, M. E. (1994). Divórcio, monoparentalidade e recasamento: Intervenção psicológica em transições familiares. Lisboa: Asa.
- Eizirik, M. & Bergmann, D. S. (2004). A ausência paterna e sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de um caso. *Revista de Psiquiatria Rio Grande do Sul*, (26) 3: 330-336.
- Elkind, D. (1967). Egocentrism in Adolescence. *Child Development*, (4) 38: 1025-1034.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica* (11) 2.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Editores Afrontamento.
- Fleming, M. (1993). O processo de separação/individuação adolescente: Contribuições da Teoria Psicanalítica.
- Friend, M. (1976). The role of family life in child development. *International Journal of Psycho-Analysis*, 57: 373-384.

- Gomes, A. J. S. & Resende, V. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, (20) 2: 119-125
- Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage.
- Hack, S. & Ramires, V. (2010). Adolescência e divórcio parental: Continuidades e Rupturas nos Relacionamentos. *Psicologia Clínica*, 22: 85-97.
- Hetherington, E. (1982). Divórcio visto por los hijos. *Infancia y Aprendizaje*, 18 (2): 53-64.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (XXIV): 363-372.
- Imbasciati, A. (2003). *Nascimento e construção da mente*. Lisboa: Climepsi.
- Kelly, J. B. & Emery, R. E. (2003). Children's adjustment following divorce: Risk and resilience perspectives. *Family Relations*, 52: 352-362.
- Klein, M. (1986). *Psychoanalysis of children*. London: Hogarth Press.
- Lamb, M. (2010). *The role of the father in child development*. Hoboken: John Wiley & Sons.
- Lampl-De Groot, J. (1960). On adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 15: 95-104.
- Luzes, P. (1981). Psicanálise e família. *Psicologia*, 1 (2): 21-27.
- Mahler (1977). *O nascimento psicológico da criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Malpique, C. (1990). *A ausência do pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marcelli, D. & Braconnier, A. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Marin, A. & Piccinini, C. A. (2009). Famílias uniparentais : A mãe solteira na literatura. *Psico*, 40 (4).
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.

- Matos, M. G. & Sampaio, D (2009). *Jovens com saúde: Diálogo com uma geração*. Alfragide: Texto Editora.
- Moura, O & Matos, P. M. (2009). Vinculação aos pais, divórcio e conflito inter-parental em adolescentes. *Psicologia*, 23 (1): 127-152.
- Piaget, J. (1956). *Psicologia da Inteligência* (4ª ed.). São Paulo: Fundo de Cultura. (Tradução do original em Francês La Psychologie de L'intelligence. Paris: Librairie Armand Colin).
- Poussin, G & Martin-Lébrun, E. (1999). *Os filhos do divórcio: Psicologia da separação parental*. Lisboa: Terramar.
- Ramires, V. (2004). As transições familiares: A perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 9 (2): 183-193.
- Reis, V (2009). Crianças e jovens em risco: Contributos para a organização de critérios de avaliação de factores de risco. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Ribeiro, M. S., Sampaio, D. & Amaral, J. A. (1992). *Que divórcio? Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos*. (2ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Sá, E (2003). *Textos com psicanálise*. Lisboa: Fim de Século.
- Shaffer, D (2005). *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. (6ª ed.). São Paulo: Cengage Learning.
- Shave, B. & Shave, D. (1989). *Early adolescence and the search for self*. New York: Praeger.
- Sumaza, C. & Rodríguez, T. (2003). Un análisis del concepto de familia monoparental a partir de una investigación sobre núcleos familiares monoparentales. *Revista de Sociología*, 69: 59-82.

- Vila-Real, A. (2004). Relações sociais, dinâmica familiar e organização da identidade em pré-adolescentes. Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Portugal.
- Wagner, A. & Bandeira, D. (1996). O desenho da família: Um Estudo Sobre Adolescentes de Famílias Originais e Reconstituídas. *Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP*.
- Wagner, A & Féres-Carneiro, T. (2000). O recasamento e a representação gráfica da família. *Temas em Psicologia da SBP*, 1 (8): 11-19.
- Winnicott, D (1957). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D (1989). *Holding and interpretation: fragment of an analysis*. London: Karnac.

ANEXOS

ANEXO A: Questionário

“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?
 2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.
 3. O que estão a fazer?
 4. Onde é que estão?
 5. Qual é o mais simpático? Porquê?
 6. Qual é o menos simpático? Porquê?
 7. Qual é o mais feliz? Porquê?
 8. Qual é o mais infeliz? Porquê?
 9. Qual é o melhor? Porquê?
 10. Qual é o pior? Porquê?
 11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?
 12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?
 13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?
- (As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)
14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?
 15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?
 16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

ANEXO B: Questionário Sócio-Demográfico

Dados Sociodemográficos

Nome: _____ Idade: _____

Data Nascimento: _____ Escolaridade: _____

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

Com quem vive?

Caracterização do Agregado Familiar:

Estado Civil:

Mãe

Idade: _____ Profissão _____

Pai

Idade: _____ Profissão _____

Irmãos

Idade: _____ Escolaridade/Profissão _____

ANEXO C: Desenhos da Família e Questionários

Grupo A (Grupo de Pré-adolescentes pertencentes a Famílias tradicionais)

Sujeito 1A

Dados Sociodemográficos

Idade: 14

Data Nascimento: 19/09/1997 Escolaridade: 9º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

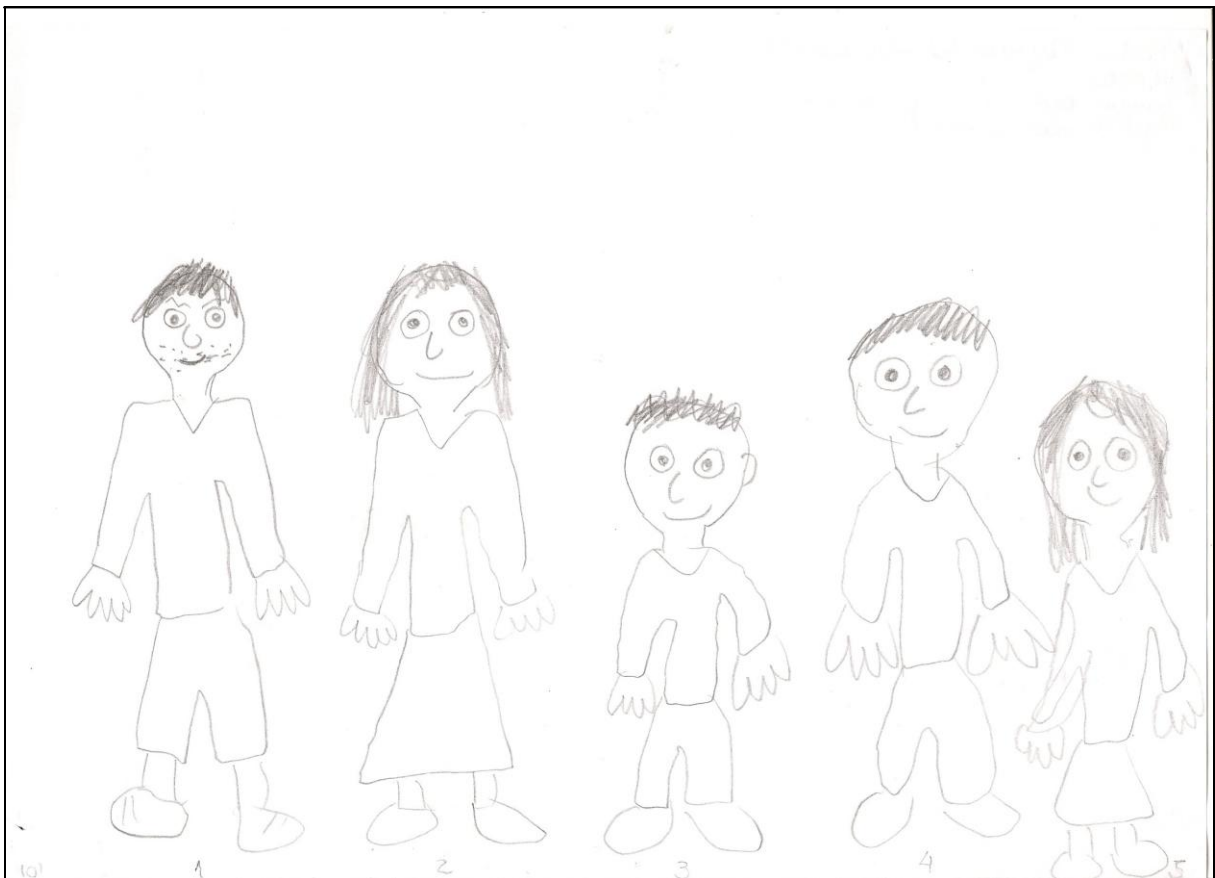
Com quem vive? Os pais, três irmãos e uma irmã

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe Idade: 57 Profissão: Enfermeira

Pai Idade: 57 Profissão: Enfermeira

Irmãos: 27 anos, Engenheiro Civil; 24 anos, Gémeos (rapaz e rapariga), Estudantes ;17 anos



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

É um pai, uma mãe, um filho com 9 anos, um com 14 e uma com 10.

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

Pai, mãe, filho mais novo, filho mais velho e rapariga.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

O pai tem 50, a mãe também tem 50, filho tem 9 anos, o outro filho tem 14 e a filha tem 10.

3. O que estão a fazer?

Estão a sorrir para a fotografia.

4. Onde é que estão?

Em casa.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

É a mãe porque é amor maternal.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

É o irmão mais velho, porque é o mais mandão.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

É a rapariga, porque está numa idade contente.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

Nenhum, estão todos felizes.

9. Qual é o melhor? Porquê?

O rapazinho de 9 anos, por estar contente com a vida.

10. Qual é o pior? Porquê?

O irmão mais velho, porque se chateia mais.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

O mais novo porque me associo mais a ele, porque sou o mais novo.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

Secalhar o irmão mais velho, porque está mais tempo com os amigos.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

Foi o mais novo, partiu qualquer coisa, são os pais, o dono da coisa, secalhar não ver televisão.

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O mais novo, porque sou o mais novo e associo-me mais a ele.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O pai porque significa que tenho uma família que gosta de mim, um dia também vou crescer e quero ter uma família minha.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava um animal de estimação e mais dois irmãos rapazes.

Sujeito 2A

Dados Sociodemográficos

Idade: 13

Data Nascimento: 01/05/1999 Escolaridade: 8º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

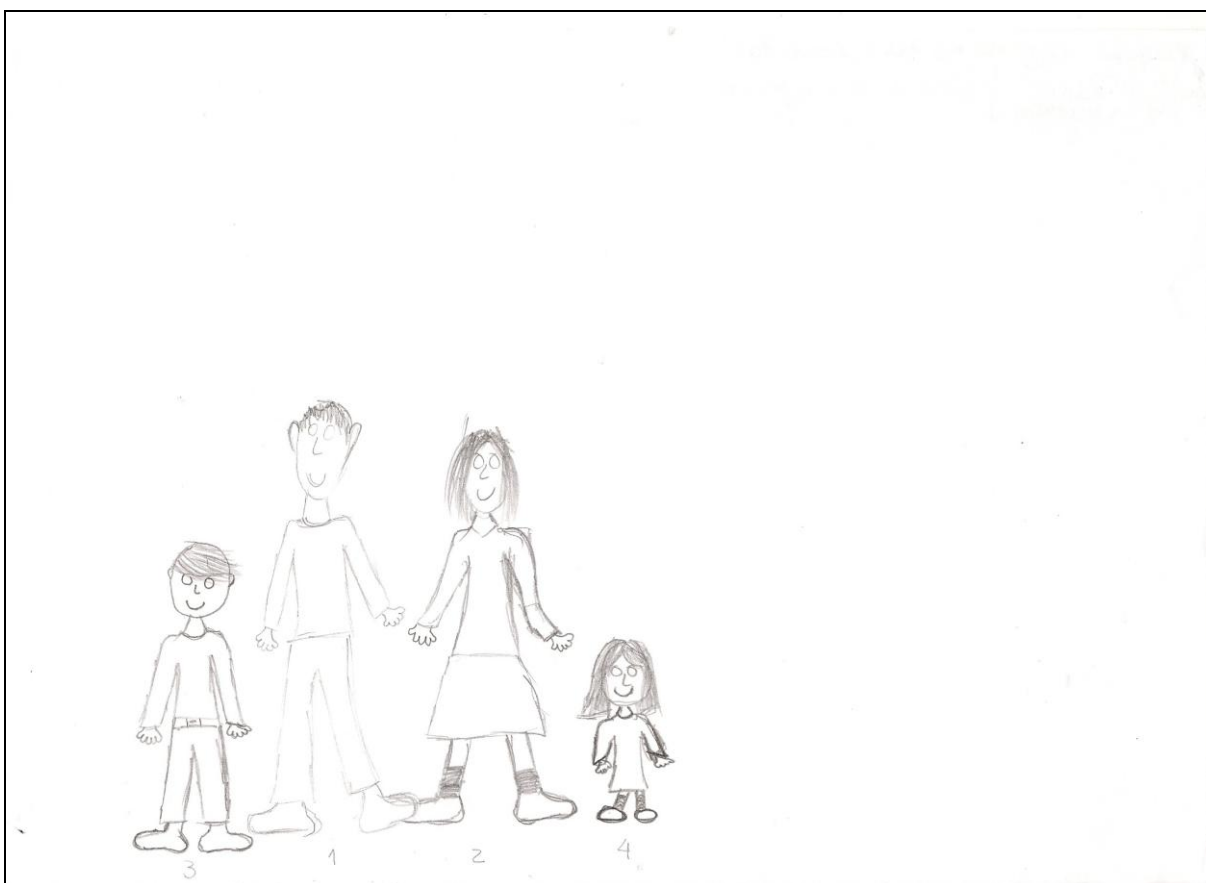
Com quem vive? Pai, mãe e dois irmãos

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 47 Profissão: desempregada

Pai: Idade: 53 Profissão: Gestor de frotas

Irmãos: irmã 20,16 (irmão)



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

O pai, a mãe, o irmão e a irmã.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

O pai tem 39 anos, a mãe 37, o irmão 11 e a irmã 4.

3. O que estão a fazer?

Estão em família.

4. Onde é que estão?

Em casa.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

A mãe porque dá-se melhor com as pessoas e compreende.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

O irmão porque é o mais mal-humorado, mais zangão, mais reguila.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

A irmã porque gosta de brincar, porque está na idade de fazer as coisas que gosta

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

Talvez o irmão como já percebe melhor as coisas tem menos liberdade e leva as culpas das asneiras da irmã.

9. Qual é o melhor? Porquê?

O pai porque ajuda muito os filhos, às vezes dá mais liberdade do que a mãe.

10. Qual é o pior? Porquê?

Talvez a irmã porque é muito pedinte, pede tudo, um pouco mimada de mais.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

Talvez o irmão porque está mais ou menos na mesma idade que eu porque percebo tem as mesmas coisas.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

O pai porque como já é adulto e homem se acontecer alguma coisa sabe tomar conta de si. Fica o pai porque acho que é o único que ira se sacrificar em não ir.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

A irmã partiu uma jarra da família, ajudar a mãe e o pai, os dois a mãe e o pai.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O irmão porque é o que me identifico mais.

15. Que outra pessoa desejaras tu ser? Porquê?

O pai, não sei porque é possivelmente o que vou ser.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Talvez acrescentava um bebé.

Sujeito 3A

Dados Sociodemográficos

Idade: 13

Data Nascimento: 01/06/1999 Escolaridade: 8º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

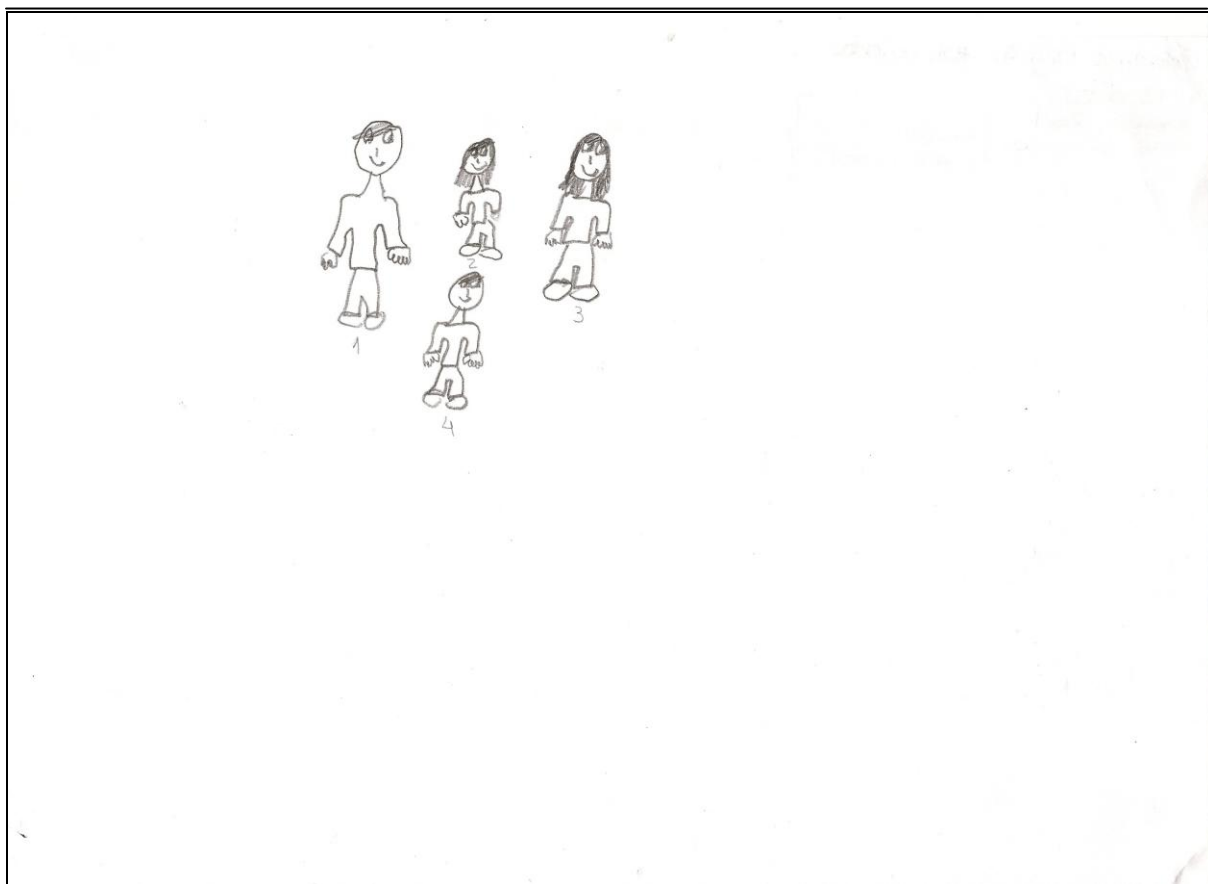
Com quem vive? Com os pais e 4 irmãos

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 49 Profissão: Lojista

Pai: Idade: 52 Profissão: Gestor

Irmãos: irmã 21, irmão 19, irmão 15, irmã 9



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

O pai, a filha, a mãe e o filho.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

O pai tem 45 anos, 8, 43, 10.

3. O que estão a fazer?

A tirar uma fotografia.

4. Onde é que estão?

Em casa.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

A filha porque os mais novos são mais simpáticos.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

O filho porque se acha mais velho para a irmã mandar nele.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

A mãe porque sempre quis ter uma família e conseguiu.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

O pai porque trabalha todos os dias até tarde.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É a filha, a mais simpática, a mais nova.

10. Qual é o pior? Porquê?

O pai trabalha até tarde, fica chato

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

A mãe porque é a mãe que quando está mal nos ajuda.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

O pai porque é o que precisa de descansar e não está com paciência.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

O filha foi a uma festa sem a mãe deixar, ficar duas semanas sem poder sair de casa, a mãe.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O filho porque também tenho uma irmã mais nova..

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O pai, mas com menos trabalho.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava um filho mais velho.

Sujeito 4A

Dados Sociodemográficos

Idade: 13

Data Nascimento: 29/01/1999 Escolaridade: 8º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

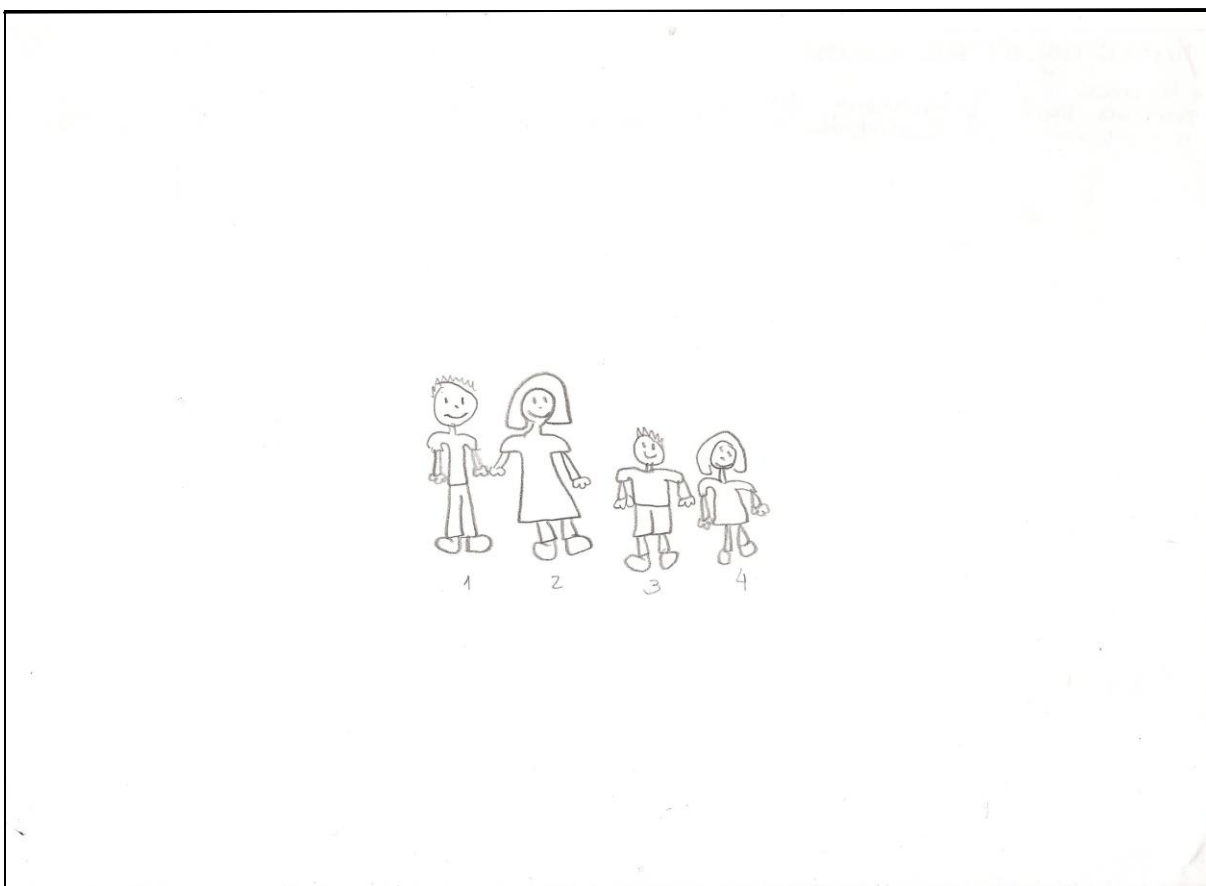
Com quem vive? Com o pai, a mãe e a irmã

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 41 Profissão: Engenheira do ambiente

Pai: Idade: 45 Profissão: Engenheiro civil

Irmãos: irmã 10



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

O pai, a mãe, o irmão e a irmã.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

O pai tem 45 anos, a mãe 40, o irmão 13 e a irmã 10.

3. O que estão a fazer?

A dar um passeio.

4. Onde é que estão?

No jardim.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

A mãe porque é a mais carinhosa e simpática.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

O pai porque às vezes grita muito.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

O irmão porque está sempre a rir.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

Não há nenhum.

9. Qual é o melhor? Porquê?

Sou eu... é o irmão, não são todos.

10. Qual é o pior? Porquê?

É a irmã porque está sempre a embirrar.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

A mãe pelas razões já ditas.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

O pai porque grita muito.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

A irmã deve ter portado mal na escola, ficar sem televisão, o pai ou a mãe.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O filho, o irmão porque é o mais divertido.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O pai, porque é o outro rapaz.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava a paisagem.

Sujeito 5A

Dados Sociodemográficos

Idade: 13

Data Nascimento: 05/04/1999 Escolaridade: 8º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

Com quem vive? Com o pai, a mãe e os irmãos

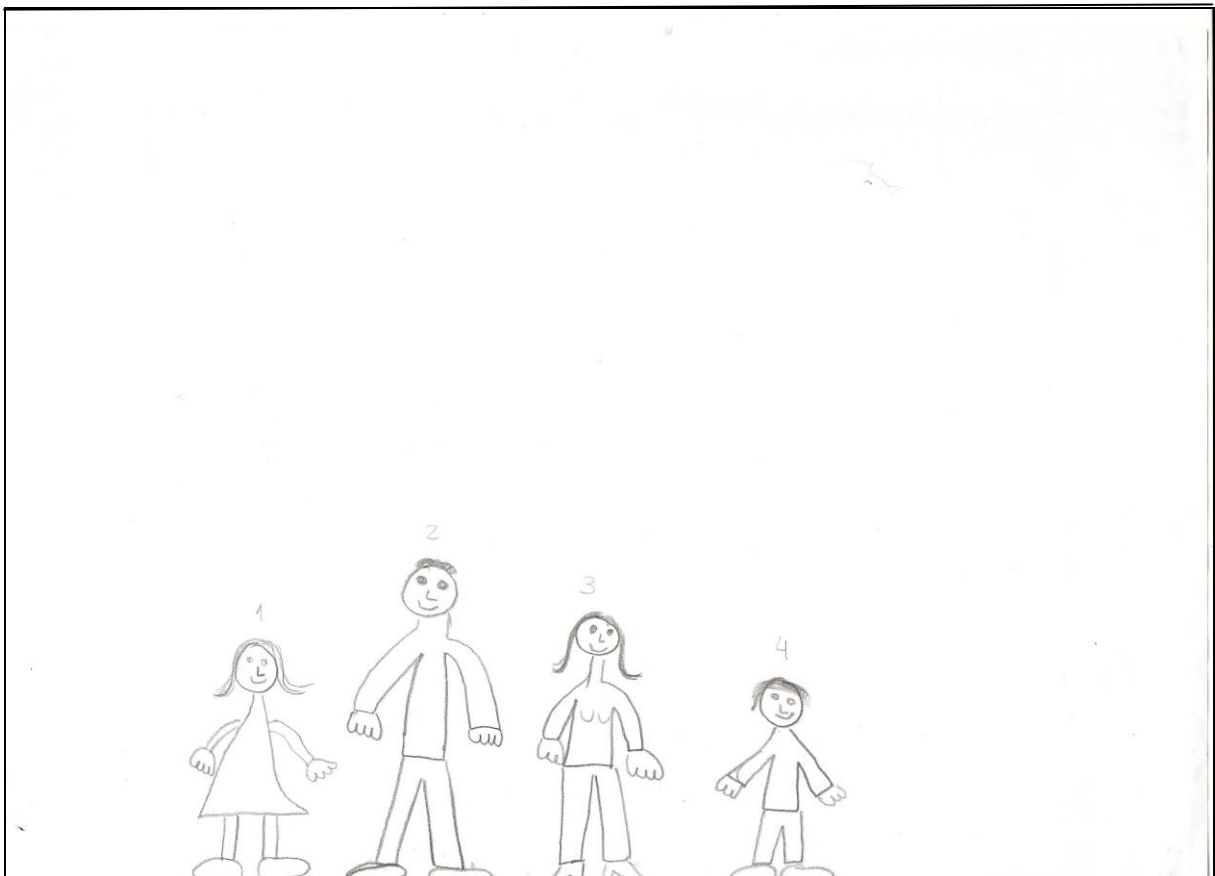
Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe

Idade: 43 Profissão: Engenheira

Pai: Idade: 42 Profissão: Delegado de informação médica

Irmãos: irmão 15 anos, irmã 10 anos



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

A irmã, o pai, a mãe e o irmão.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

A irmã tem 11 anos, o pai tem 38, a mãe 39 e o irmão 7.

3. O que estão a fazer?

A tirar uma fotografia.

4. Onde é que estão?

No espaço para tirar a fotografia de família.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

O irmão parece ser uma pessoa descontraída.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

Não há.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

Todos porque têm tudo o que precisam, saúde, uma família unida.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

Não há.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É o irmão, porque é rapaz, nasceu para fazer desporto.

10. Qual é o pior? Porquê?

Não sei, todos têm alguma coisa boa.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

O pai para aventuras e conversas, a mãe é mais descontraída.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

O pai quando há muita confusão.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

O de 7 anos entornou alguma coisa, escrever 10 x não deixar cair, o pai e a mãe.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O de 7 anos, porque adora desporto é descontraído.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A rapariga é a mais nova e ainda tem alguns anos de vida para aproveitar a vida.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava o meu irmão.

Sujeito 6A

Dados Sociodemográficos

Idade: 14

Data Nascimento: 20/11/1997 Escolaridade: 9º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

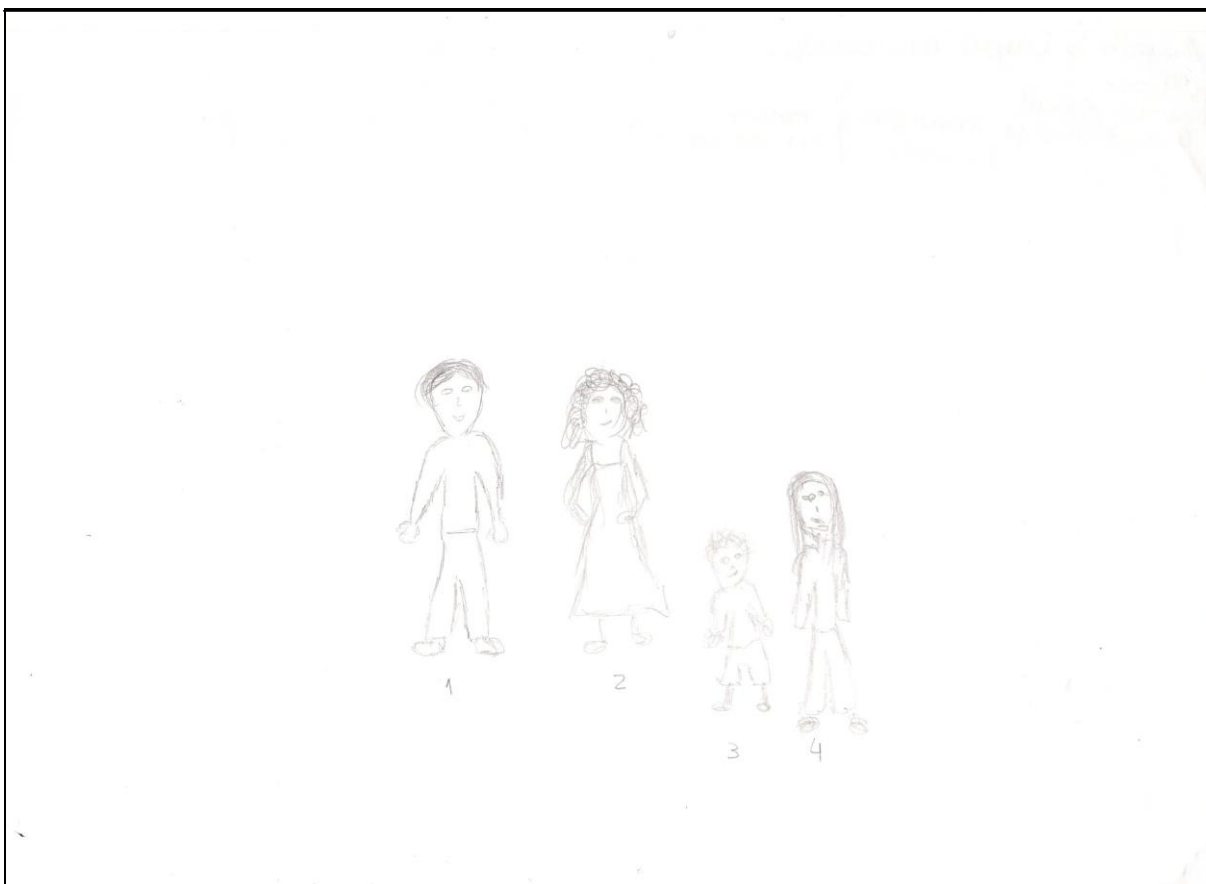
Com quem vive? Pais e irmãos

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 51 Profissão: educadora de infância

Pai: Idade: 54 Profissão: Gestor

Irmãos: irmão 24 anos, irmã 26 anos, irmã 28 anos



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

Há um pai e uma mãe que se casaram e tiveram o primeiro filho que se chama Filipa e o outro foi o João, o pai chama-se António e a mãe Teresa

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

O pai, a mãe, o filho e a filha.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

35, 33, 6 e 9.

3. O que estão a fazer?

Foram a um estudo tirar uma fotografia.

4. Onde é que estão?

No estúdio.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

É o filho porque é o mais novo e o mais brincalhão.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

É a mãe porque o pai nunca faz nada e ela tem de fazer as tarefas todas em casa.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

É o miudinho porque é o mais inocente, ainda não pensa em muitas coisas e é dependente dos pais.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

É a filha porque está sempre a pedir coisas aos pais e os pais nunca deixam porque ela é rapariga.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É o pai porque é o que dá dinheiro à família.

10. Qual é o pior? Porquê?

É a filha porque tem más notas e nunca quer estudar.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

O filho porque é divertido.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

A mãe porque quer que os filhos se sintam bem, faz tudo pelos filhos.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

Foi o irmão, partiu uma boneca da irmã, não ver televisão, a mãe.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O irmão porque é o que faz mais asneiras é mais divertido.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O pai porque também quero ter uma família, ter filhos.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Metia um bebé.

Sujeito 7A

Dados Sociodemográficos

Idade: 14

Data Nascimento: 06/02/1998 Escolaridade: 9º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

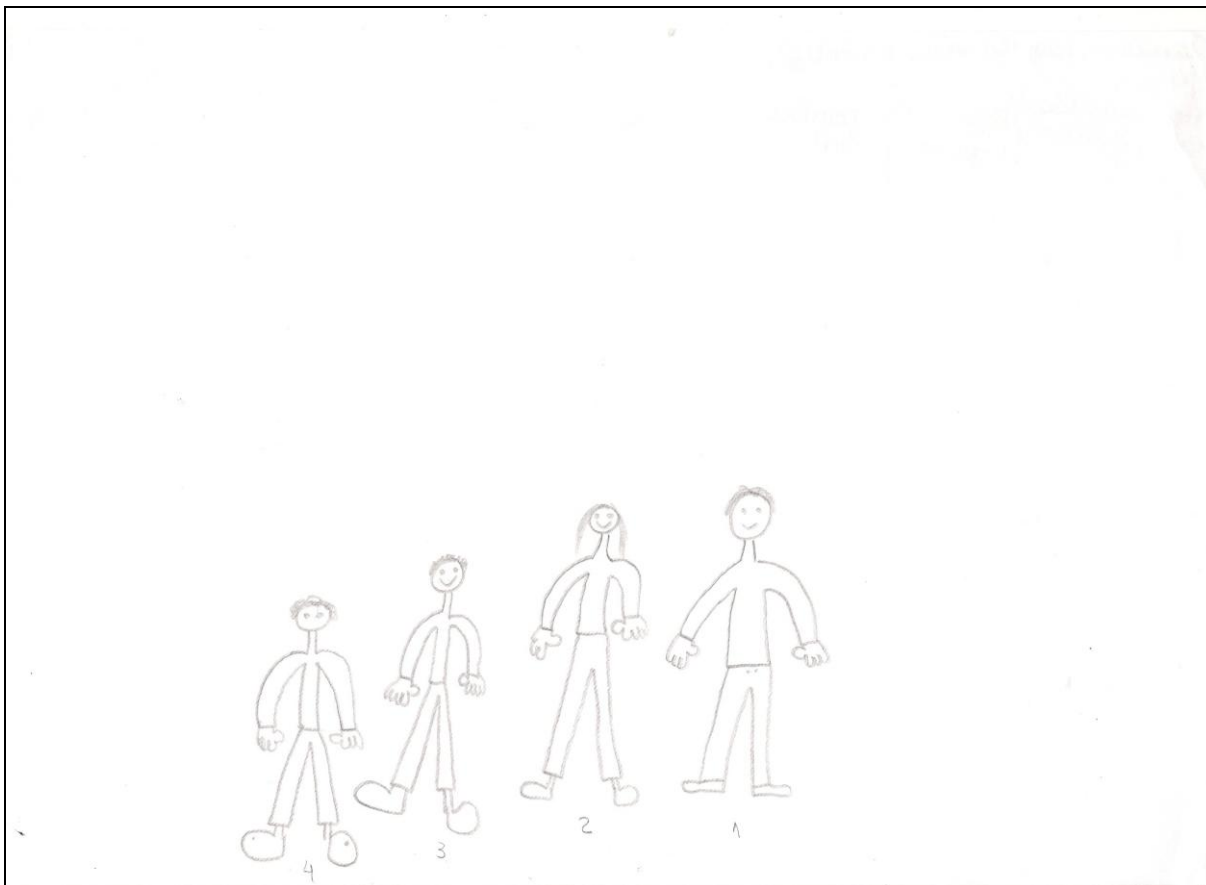
Com quem vive? Pais e irmãos

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 34 Profissão: Bancária

Pai: Idade: 40 Profissão: Arquitecto

Irmãos: irmão 10 anos, irmã 6 anos



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

Foram a Cabo Verde o objectivo era passar tempo juntos, foram a diferentes praias, fizeram desportos de mar, por exemplo surf. Ficaram num hotel, foram jantar fora.

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

O pai, a mãe e dois filhos.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

43, 38, 14, 10.

3. O que estão a fazer?

Estão a tirar uma fotografia.

4. Onde é que estão?

No jardim de casa deles.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

A mãe porque é rapariga, porque ajuda com os trabalhos, está presente quando precisamos de desabafar com ela, o pai é um bocado resmungão.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

O mais novo porque é um bocado mimado pensa que tem sempre razão.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

O de 14 anos porque gosta imenso da família que tem, tem uma vida boa, saudável e dá-se bem com toda a gente.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

O pai porque é o que trabalha mais, está poucas vezes com a família porque tem imenso trabalho.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É a mãe porque é a que está mais presente está sempre a apoiar.

10. Qual é o pior? Porquê?

É a filha porque tem más notas e nunca quer estudar.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

O filho porque é divertido.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

A mãe porque quer que os filhos se sintam bem, faz tudo pelos filhos.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

Foi o irmão mais novo roubou dinheiro da carteira do pai para ir comprar um jogo para a playstation, não jogar playstation durante um mês e estudar, o pai.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

Gostava de ser a mãe, gostava de apoiar os meus filhos.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O de 14 anos porque é o que gosta mais de estar com a família e é o mais bem comportado.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Fazia uma boca diferente das outras, ao contrário.

Grupo B (Pré-adolescentes pertencentes a Famílias que experienciaram o divórcio)

Sujeito 1B

Dados Sociodemográficos

Idade: 14

Data Nascimento: 08/06/1998 Escolaridade: 8º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

Pais divorciados há cerca de 10 anos, guarda compartilhada

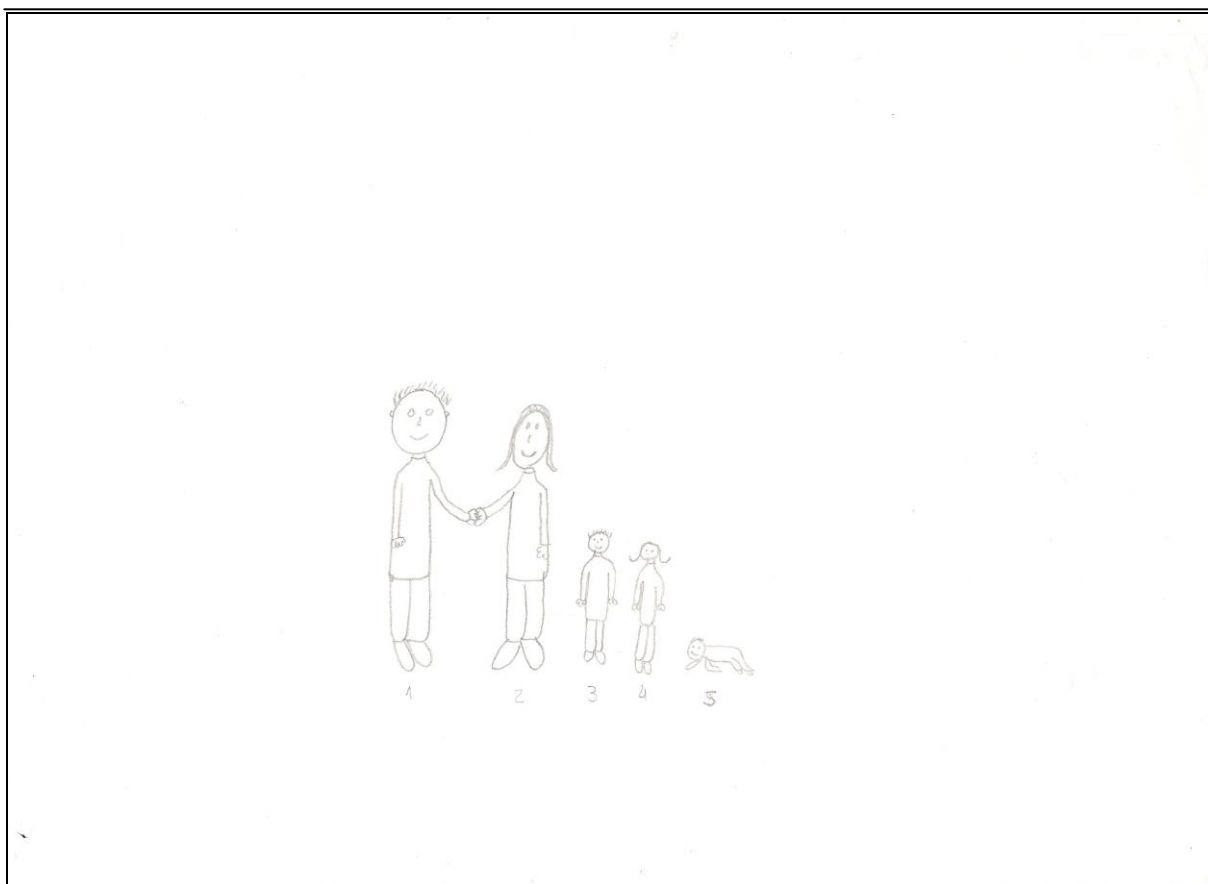
Com quem vive? Mãe e com o pai

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 36 Profissão: Produtora Fotográfica, Mãe vive sozinha

Pai: Idade: 39 Profissão: Imobiliário, Pai vive com mulher acerca de um ano, está grávida da sua primeira filha.

Irmãos: Meia-irmã da parte do pai que vai nascer em Agosto



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

Primeiro nasceu este (rapaz), depois passado uns anos nasceu esta e como o rapaz se sentia sozinho para brincar pediu aos pais um irmão e nasceu o terceiro bebé.

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

O pai, a mãe, o primeiro filho Manuel, a segunda filha Maria do Carmo e o terceiro filho João.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

O pai tem 40 anos, a mãe tem 38, o primeiro filho 10 anos, a segunda filha 8 anos e o terceiro um ano.

3. O que estão a fazer?

Estão felizes, estão a rir para a fotografia.

4. Onde é que estão?

Na sala de casa.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

É a segunda irmã porque a sua mãe lhe ensinou muitas coisas

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

É o bebé porque chora muito.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

É o primeiro irmão porque vai ter um bebé para brincar.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

São todos felizes.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É a mãe porque faz todas as tarefas domésticas e é simpática com todos.

10. Qual é o pior? Porquê?

O bebé porque é muito refilão.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

O primeiro irmão porque ajuda os outros irmãos e não arranja chatices aos pais.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

Fica o bebé com a empregada porque é o que ainda menos percebe as coisas.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

O bebé partiu uma jarra da mãe. A mãe, mas não lhe fez nada porque é um bebé.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O primeiro irmão porque é o irmão mais velho e é rapaz.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O pai porque tinha uma família grande e feliz.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Faria igual.

Sujeito 2B

Dados Sociodemográficos

Idade: 14

Data Nascimento: 04/04/1998 Escolaridade: 9º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

Pais divorciados há um ano

Com quem vive? Mãe

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 46 Profissão: Fotógrafa

Pai: Idade: 47 Profissão: Empresário, está a trabalhar na China

Filho único



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

Sou eu a jogar rugby, o pai e a mãe.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

Eu tenho 14, o pai tem 47 e a mãe tem 46

3. O que estão a fazer?

A dar um passeio.

4. Onde é que estão?

Num parque com o meu cão.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

A minha mãe porque normalmente estou sempre com a minha mãe e faço mais coisas com ela.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

Não há nenhum.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

O meu cão porque está sempre solto e a passear na quinta do meu avô.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

Eu porque os meus pais estão separados e o meu cão porque esteve a morrer.

9. Qual é o melhor? Porquê?

A minha mãe porque estou a viver com ela, o meu pai está na China.

10. Qual é o pior? Porquê?

Não há pior.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

A minha mãe porque está em Portugal e o meu pai está na China.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

Seria eu porque a minha mãe e o meu pai querem estar juntos. Não... O pai porque gosta de estar no computador.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

O pai, deixou um papel de chocolate no escritório, não... eu deixei um papel de chocolate no escritório. Não poder ir ao parque, a mãe.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O miúdo porque tem mais tempo para viver.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O cão porque está solto, tratam bem dele e tem uma vida gira.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Fazia igual

Sujeito 3B

Dados Sociodemográficos

Idade: 13

Data Nascimento: 16/08/1998 Escolaridade: 9º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

Pais divorciados há 9 anos

Com quem vive? Irmão e mãe

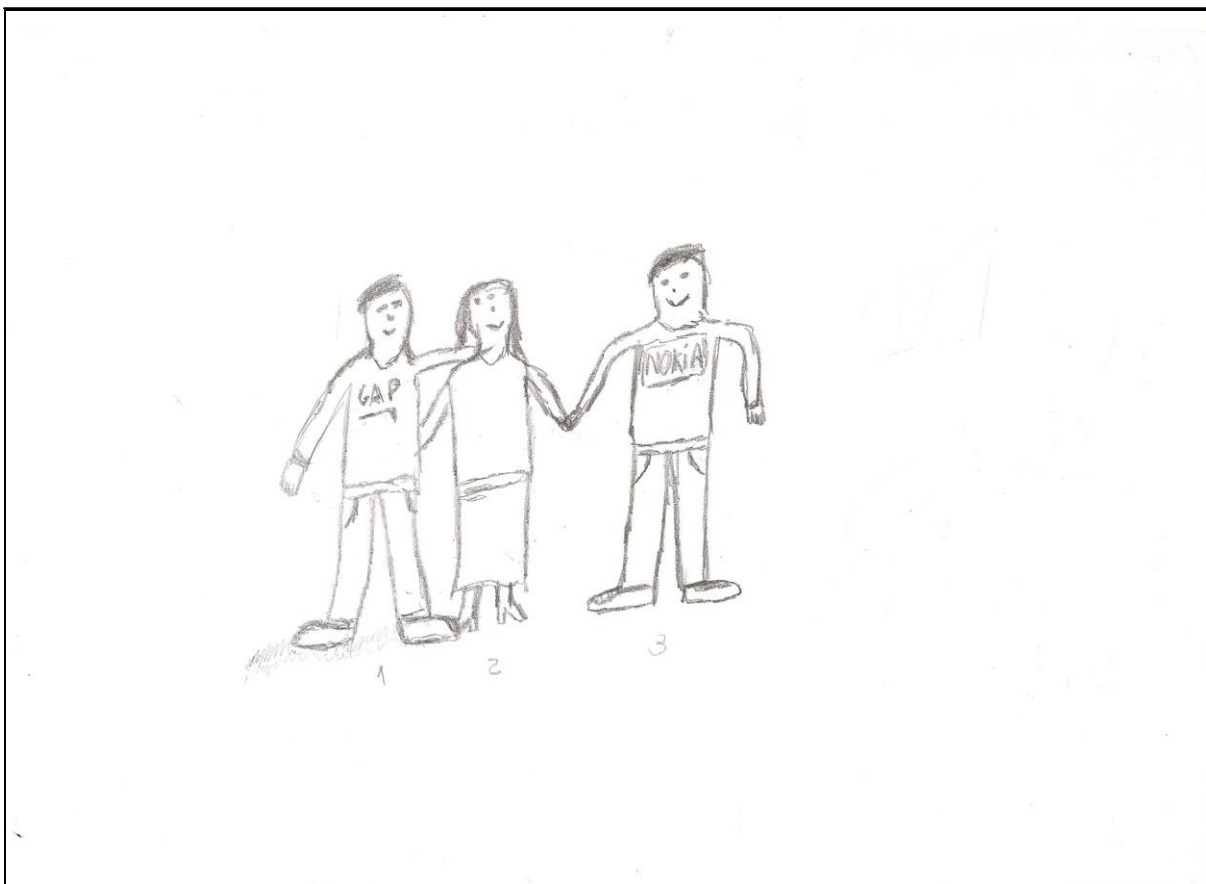
Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 47 Profissão: Secretária

Pai: Idade: 46 Profissão: Empresário

Irmãos: 21 Estudante de direito

Passa fim-de-semanas em casa do pai.



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

O pai, a mãe e o filho.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

O pai tem 57, a mãe 55 e o filho 33.

3. O que estão a fazer?

Estão a tirar uma fotografia.

4. Onde é que estão?

Estão no jardim.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

A mãe porque é mais atenciosa com o filho, o pai não se preocupa tanto.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

O pai porque não liga tanto ao filho, já não liga tanto á mãe como antes.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

Deve ser o filho porque é o mais novo porque sai à noite, diverte-se.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

Não sei, secalhar a mãe porque o pai não lhe dá tanta atenção como antes.

9. Qual é o melhor? Porquê?

Deve ser o filho porque é o mais simpático e porque é o que secalhar ajuda mais.

10. Qual é o pior? Porquê?

Deve ser o pai, por o que disse anteriormente.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

O filho porque é o mais simpático, ajuda mais as pessoas, como é o mais novo é mais fácil dizer as coisas.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

O pai, não sei como é o menos simpático é secalhar teimoso.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

O filho, atropelou uma pessoa. Trabalho comunitário, o pai e a polícia.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O filho porque é o mais novo e acho que é o que eu gostava de ser.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe porque não gostava de ser pouco simpático, a mãe é mais divertida.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Não.

Sujeito 4B

Dados Sociodemográficos

Idade: 13

Data Nascimento: 03/08/1998 Escolaridade: 9º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

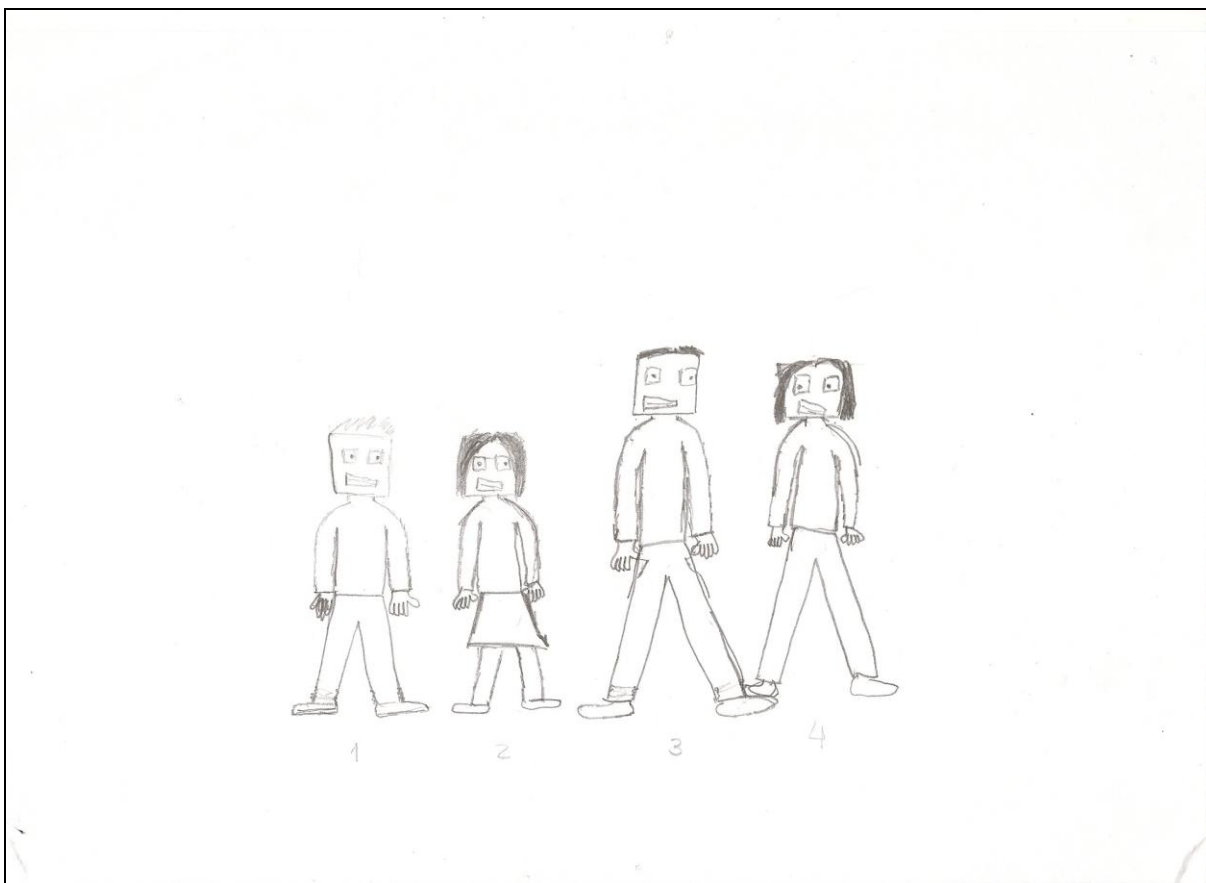
Pais divorciados há 8 anos, viviam em Évora, quando o divórcio ocorreu vieram viver para Lisboa. Actualmente o pai vive com os seus pais em Montemor. De 15 em 15 dias vai passar o fim-de-semana a casa do pai, nas férias vai mais vezes e mais tempo (semana sim, semana não). Gosta de ir para lá porque as pessoas são mais simpáticas e porque o campo é mais saudável (discurso maduro).

Com quem vive? Com a mãe e com os irmãos

Mãe: Idade: 48 Profissão: Trabalha na área de Turismo

Pai: Idade: 53 Profissão: Bancário

Irmãos: irmão com 17 anos, irmã com 10 anos



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

Um filho, filha, pai e mãe

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

O filho tem 8 anos, a filha 6, o pai 45 e a mãe 41.

3. O que estão a fazer?

Não estão a fazer nada. (?) Estão a pousar para tirarem uma fotografia.

4. Onde é que estão?

Estão no jardim, esqueci-me foi de fazer as flores.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

É a mãe porque é a mais liberal.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

É o filho porque faz asneiras.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

É a filha porque ainda é muito nova, não de apercebe muito dos problemas vive mais feliz.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

É o pai porque está sempre a trabalhar.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É a filha porque é a mais feliz.

10. Qual é o pior? Porquê?

É o filho, porque os outros são melhores do que ele, então é o pior. Porque cada um tem a sua aptidão, a mãe é a mais simpática, o pai trabalha, a irmã é a mais nova e é a mais feliz, os outros têm qualidades melhores que as dele, torna-o pior.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

Prefiro o pai porque é o único que trabalha desempenha bem o seu papel.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

Fica o pai porque acho que é o único que sacrifica em não ir.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

Foi o filho, partiu um prato. Depende da hora do dia se fosse à tarde ia para o quarto até à hora do jantar, se fosse à noite ia para a cama e se fosse de manhã ficava até à hora de almoço no quarto.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

Provavelmente seria o pai porque é com quem mais me identifico, o filho faz muitas asneiras, eu não sou assim; a mãe é a mais simpática, mas não faz nada, eu não me vejo a não fazer nada, a filha está na sua inocência e eu não me identifico com isso.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Nenhuma, pelas razões ditas anteriormente.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Secalhar como disse que estavam num jardim fazia flores que parecesse que estão num jardim.

Sujeito 5B

Dados Sociodemográficos

Idade: 13 anos

Data Nascimento: 02/02/1999 Escolaridade: 8º ano Galiza

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

Pais divorciados há 10 anos, não costuma ver o pai.

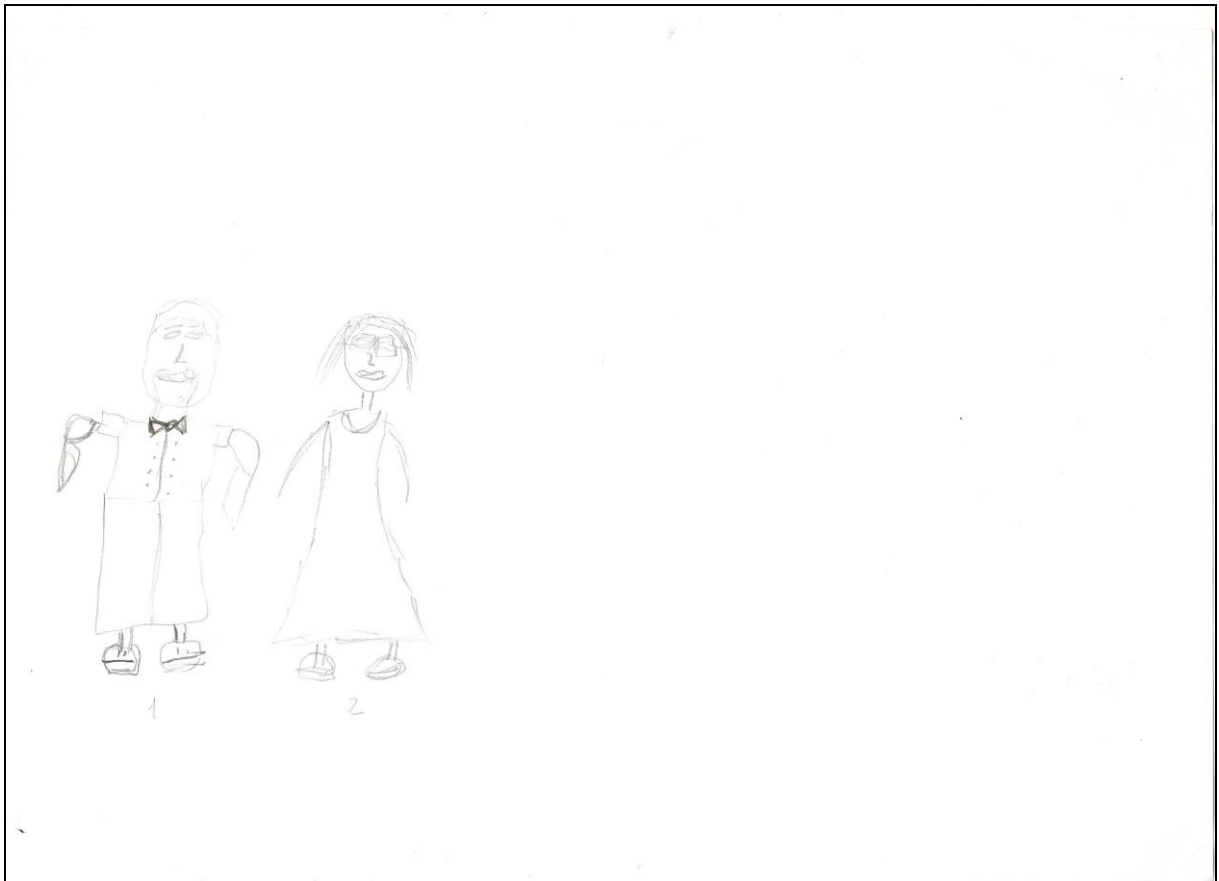
Com quem vives? Com a minha mãe.

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 47 Profissão: Ajudante de cozinha

Pai: Idade: Não sabe Profissão: Não sabe

Irmãos: da parte da mãe: irmão com 29 anos; irmã com 28; irmão com 27 e irmã com 18; da parte do pai, irmã com 22 anos e irmão com 20 anos.



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

O pai e a mãe.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

O pai tem 46 e a mãe tem 44.

3. O que estão a fazer?

Estão a ir para uma festa.

4. Onde é que estão?

Estão na auto-estrada.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

É o pai porque está sempre a contar anedotas.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

É a mãe está aborrecida.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

O pai está sempre contente.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

É a mãe perdeu um bebé, estava de dois meses.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É o pai porque não é chato.

10. Qual é o pior? Porquê?

É a mãe só chateia.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

Nenhum porque um é o pior e o outro é o melhor, eu gostava de ser normal, nem o melhor, nem o pior.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

A mãe porque tem que fazer os trabalhos é uma dona de casa.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

A mãe, queria se matar, era todos os dias ver coisas animadas para não ter estes pensamentos.

(As restantes perguntas remetem para o Método de Preferências de Identificação)

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O pai porque é honesto está sempre muito feliz.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

A mãe porque é mulher e responsável.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Acrescentava um filho.

Sujeito 6B

Dados Sociodemográficos

Nome: J

Idade: 14

Data Nascimento: 03/08/1997 Escolaridade: 8º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

Com quem vive? O pai, o meu irmão e eu

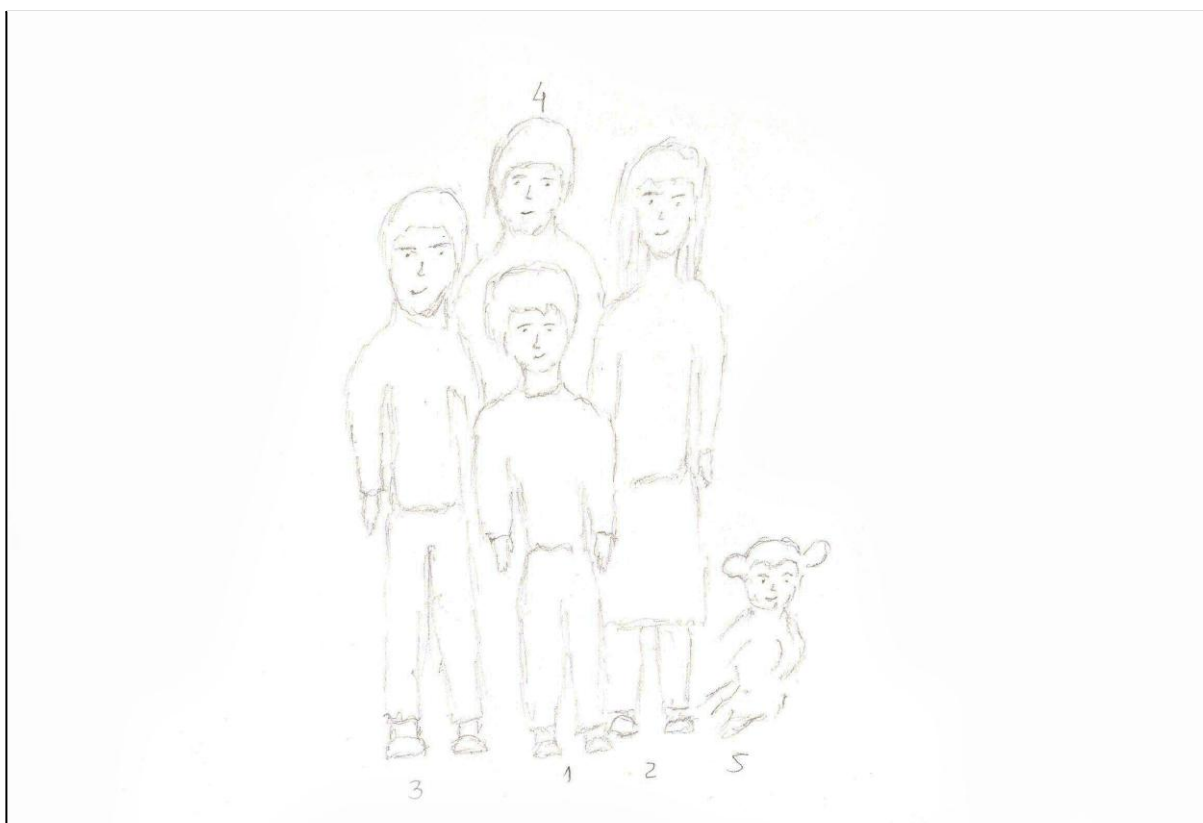
Pais divorciados há dois anos, mãe foi para a Guiné (2 anos) com a filha mais nova

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 35 Profissão: quando vivia cá era cozinheira

Pai: Idade: 36 Profissão: Mecânico

Irmãos: irmão com 11 anos, irmã com 5 anos



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

É o meu irmão, a mãe, eu o meu pai e a minha irmã.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

Tem 11, 35, 14, 39 e 5.

3. O que estão a fazer?

Estão reunidos para tirar uma fotografia.

4. Onde é que estão?

Em casa ou na varanda.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

É a minha mãe porque faz muitas coisas, faz coisas que o meu pai não faz, ir passear connosco, o meu pai também é simpático, mas não tem muito tempo.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

É o meu irmão às vezes não faz as coisas que eu digo.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

É o meu pai, por causa do nascimento da patricia.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

Nenhum.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É o meu pai porque vai trabalhar, às vezes ajuda nas coisas que não percebemos, ajuda na escola.

10. Qual é o pior? Porquê?

Nenhum.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

Todos, são todos importantes para mim.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

Fico eu porque eu dos meus irmãos sou o mais velho.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

A mais nova. Abrir a água da casa-de-banho. Meter na cama onde não consegue sair e depois levar para a sala. Eu, a mãe ou o pai.

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

Eu porque gosto de ser assim.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

Gostava de ser o pai porque trabalha, em vez de ficar em casa, porque ajuda os outros.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Faria igual.

Sujeito 7B

Dados Sociodemográficos

Idade: 13

Data Nascimento: 03/08/1997 Escolaridade: 8º ano

Estabelecimento de Ensino: Público Privado

Com quem vive? A mãe e os irmãos, duas irmãs e dois irmãos

Pais divorciados era muito pequeno, não conhece o pai.

Caracterização do Agregado Familiar:

Mãe: Idade: 31 Profissão: não sabe

Pai: Idade: não sabe Profissão: Não sabe

Irmãos: irmã com 18 anos, irmão com 15 anos, irmão com 12 anos e irmã com 9 anos.



“Agora fala-me sobre a família que desenhaste. Conta-me uma história dela.”

1. Diz-me quem são começando pela que tu desenhaste primeiro?

É o irmão, a irmã, o pai e o irmão.

2. Diz-me o sexo, a idade e qual o seu papel na família.

Têm 3, 4, 34 e 2 anos.

3. O que estão a fazer?

Só estão a olhar.

4. Onde é que estão?

Numa folha.

5. Qual é o mais simpático? Porquê?

É a rapariga porque está com uma cara sorridente.

6. Qual é o menos simpático? Porquê?

É o pai porque é mau para os filhos, porque a mulher dele morreu.

7. Qual é o mais feliz? Porquê?

É o primeiro porque tem tudo o que ele quer.

8. Qual é o mais infeliz? Porquê?

É o de dois porque não tem atenção.

9. Qual é o melhor? Porquê?

É o primeiro, mas não sei porquê.

10. Qual é o pior? Porquê?

É este o último, porque é feio.

11. E tu nesta família quem preferes? Porquê?

Todos são todos importantes para mim.

12. Imagina que vão dar um passeio de carro, mas não há lugar para todos, um tem de ficar em casa. Quem fica? Porquê?

Fico eu porque eu dos meus irmãos sou o mais velho.

13. Um deles fez asneira. Quem foi? Qual foi a asneira? Qual será o castigo? Quem é que o vai castigar?

Foi o mais novo, partiu a play (consola) do pai, dormir mais cedo, o pai.

14. Imagina que fazes parte desta família, qual deles serias? Porquê?

O primeiro porque é o primeiro.

15. Que outra pessoa desejarias tu ser? Porquê?

O mais novo porque assim, o meu pai não ralhava comigo.

16. Se pudesses recomeçar o desenho, farias igual, acrescentavas mais alguém, retiravas ou mudavas alguma coisa?

Mudava os bonecos.